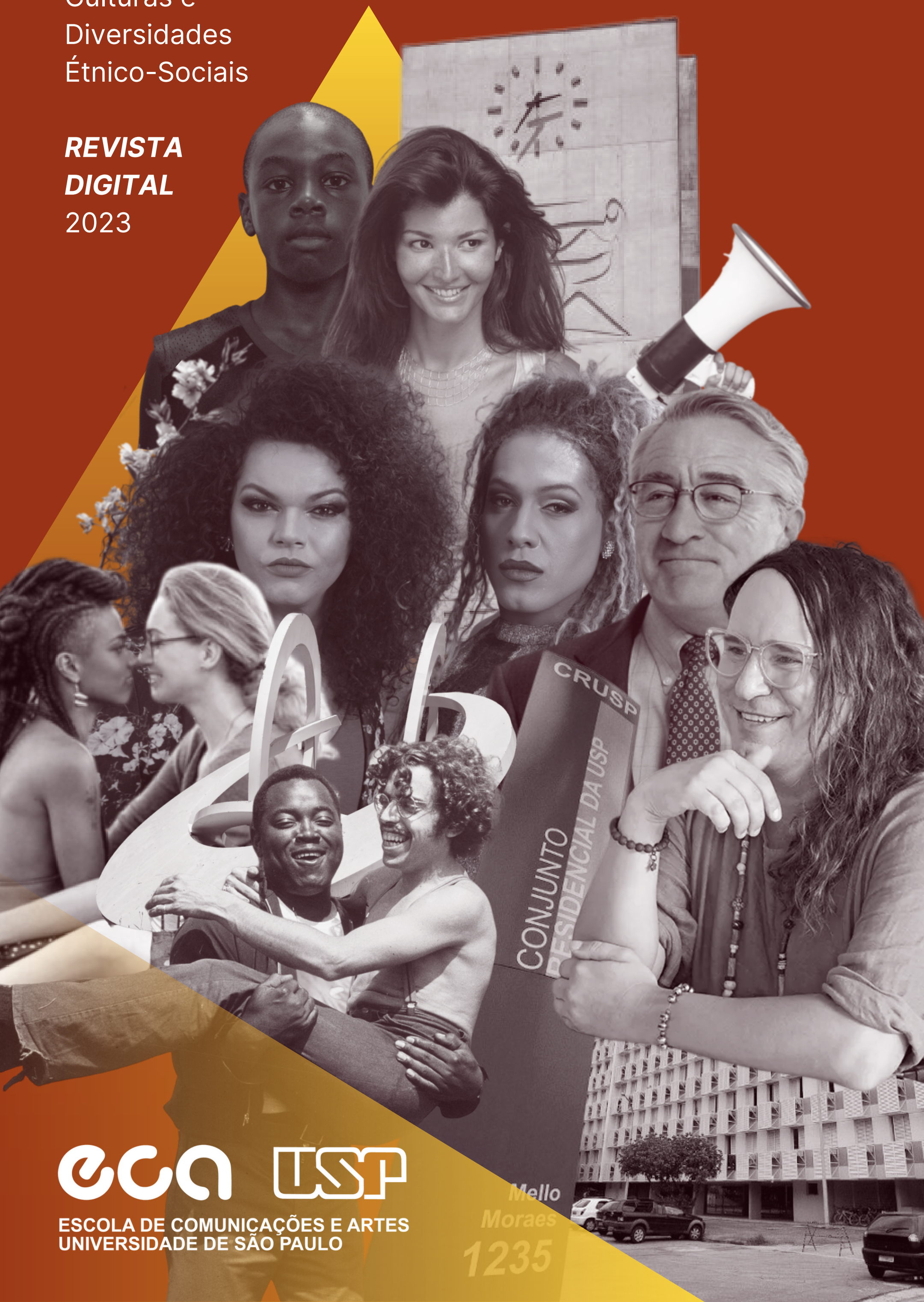


OUTROSSIM

Comunicação,
Culturas e
Diversidades
Étnico-Sociais

**REVISTA
DIGITAL
2023**



ECA

USP

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Mello
Morales
1235

outrossim

A revista digital outrossim é uma publicação produzida para a disciplina Comunicação, Culturas e Diversidades Étnico-Sociais da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Em sua edição única, estudantes se reuniram para construir um espaço dedicado a promover debate sobre diversidade, identidade e inclusão social a partir da produção de artigos, entrevistas, resenhas, poemas e ilustrações.

A outrossim se apresenta como um convite à reflexão, ao diálogo e à transformação. A cada página, te convidamos a ampliar suas perspectivas e ouvir a voz de quem precisa falar.

Boa leitura!

coordenação de conteúdo

Caio Henrique Molena Zotin
Carolina Beltrao Martins Soares
Gabriela Trevizan de Oliveira
João Vitor Faian e Silva
Luiza de Oliveira Migliolo

projeto gráfico

Amanda Caldeira Augusti
Filipe Ramos de Oliveira Pereira
Isabela de Souza Braga
Júlia Resende Perillo
Luiza Midori Yoshimura
Mariana Togni de Matos Barracas
Raquel Lima Carvalho

revisão

Allanis Carolina Ferreira Gomes Silva
Bruno Bernardo Francioni Finco
Caio Caravaggi Sabbatine Santos
Caio Henrique Trentini Urbano
Camila Araujo Paes da Silva
Jaqueline Xavier Alfonso
Julia Avila
Otavio Fonseca Rocha

curadoria de poemas e ilustrações

Guilherme Cruz Bronzato
Isadora Weffort Almeida
João Pedro Godoi do Prado
Karine de Jesus Souza
Vinicius Antunes

opinião

Giovana Carolina de Oliveira
Luiz Fernando Antonelli Galati
Matheus Dias Araujo da Silva
Paulo Roberto Ribeiro
Victoria de Arruda Miranda

resenhas

Camila Quirino Agusso Celeste
Daniel Fernández Artiaga
Gabriel Gusmao Santos
Julia de Lima Santos
Karina Pereira Lisboa
Luana Dias Soares de Andrade
Murilo Archas Yamassita
Murilo Garcia de Souza
Thais da Costa Bento
Yasmin Benzakein Gouvea

testes

Daniela Morais Rosa
João Igor Weimann Rebelo
Mikael Paixão Dias da Costa
Rafaela Ams D'Angelo

apoio

Cláudia Lago
Janaina Soares Gallo

redação

Beatriz Garcia Thosi Moretti
Carlos Eduardo Marcelino Junior
Danilo Restaino Freire de Sá
Davi Lopes Mota
Diana Torrao Pereira
Fabrycio Roschell
Gloria Beatriz Calasans de Souza
Inaiá Rossi Silva
Jhonatan Matheus Roldão Duarte
Joelma Aparecida da Rocha
Julia Trindade Peres
Karina Pereira Lisboa
Livian Santos Alves
Lorena Balbino
Lorena Cristina Menezes Souza
Lorenzo Sperotto de Mello
Ludmilla Silva de Souza
Mariana Regina de Oliveira
Mayara Abou Jaoude
Natália Câmara de Souza Brito
Nathália da Silva Barreira
Pedro Henrique Fuini
Renata Frederico de Mesquita
Rodrigo da Costa
Sara Viena Moreira
Silas Nunes Ferreira
Stela Nesrine Medrado Alves
Vinícius Casimiro de Almeida
Vitor Julio Ferreira Jose
Wellington Aparecido Ferreira Pereira

curadoria de agenda cultural

Astral Souto de Souza
Beatriz Alves de Souza Ferreira e Silva
Bruno Mazzi Torrecillas
Fabiana Nayumi Yai
Isabella Fernandes Ribeiro
Jorge Augusto Oliveira Barros
Juliana de Paula Coelho de Albuquerque
Larissa de Souza Gomes
Laura da Silva Santos
Luana Vitoria Santos de Medina
Maxcinne Cristinne Barbosa Gregorio
Rafael Mendes
Robson Lima dos Santos
Samantha Antunes de Lima
Victor Eiji Arashiro Ota



sumário

- **ilustrações e poemas:** 1. late ilusão ● ● ● p.6
2. laerte p.7 3. phillis wheatley p.8 4. julho p.9
5. muitas fugiam ao me ver p.10
- **reportagens:** ● ● ● ● ● ●
entrevista - diversidades do crusp p.11
universidade inclusiva: ● ● ● ● ● ● ● ● ● ●
como se envolver com as questões de diversidade p. 15
entrevista - dodi leal: entre a arte e o ensino p. 18
- **resenha:** sob a luz da diversidade ● ● ● ● p. 23
- **artigos:** rompendo barreiras ● ● ● ● ● ● p. 25
ver, enxergar, reconhecer e representar p. 28
- **resenha:** podem os velhinhos trabalhar? ● ● p. 32
- **reportagem** ● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ●
oportunidades e desafios de transformação
do mercado de trabalho brasileiro p. 35
viver mumbucar e sound up brasil p. 38
entrevista - muito mais que apenas um token p. 42
diversidade nas telenovelas p. 45
- **resenha:** ouça mais alto p. 51
- **reportagem:** ● ● ● ● ● ● contaí p. 53

● **artigo:** linguagem que não fere ● ● ● ● p. 55

● **resenhas:** ● ● ●

crip camp: a revolução inclusiva p. 58

sense8 p. 60

mulher - as baías p. 62

● **ilustrações e poemas:** 1. amanda miranda p. 64

2. colcha de retalhos p. 65 3. os miseráveis p. 67

4. ryane leão p. 68 5. um sábado qualquer p. 69

● **agenda cultural:** ● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ● ●

museu das culturas indígenas p. 70

115 anos da imigração japonesa

e sua presença cultural p. 72

avaf - alterações vividas absolutamente

fantasiosas p. 74

funmilayo afrobeat & sp fashion week p. 75

corpo que habito, com isabelle neris p. 77

coletânea de eventos *lgbtqiapn+* p. 78

transarau p.83

atrações e oficinas de teatro p. 84

● **quiz:** ● ● ● ● ● ● ● ●

curiosidades sobre o movimento trans no brasil p. 86

as mulheres na literatura brasileira p.88

diversidade e representatividade na mídia p.90

diversidade indígena no território brasileiro p. 92

ilustrações

A seção de poesias e ilustrações da revista **outrossim** tem como intuito dar visibilidade a artistas consagrados e aspirantes que abordam, principalmente, temas que tangenciam a diversidade e inclusão. A ideia, além de ser uma exposição das obras é, também, expor - de maneira breve - a história de cada um dos artistas selecionados.

Late Ilusão

Em noite de lua cheia
geme ao meu lado o meu cão
acabado de chegar
late ilusões ao meu ouvido
e meu sentido
diz que ele veio pra ficar
Mas a vida passa e vira
páginas da folhinha
o que era cheia e domingo
foi mingando em segundas e terças
e meu homem, minha besta
voltou novo e repetido
como se fosse ficar até sexta
três dias de ele chegando de madrugada
Três dias de ele nadando na minha água
Conversas de homem e mulher
beijo na boca
tirar a roupa
novos latidos de ilusão no meu ouvido
meu homem partiu na derradeira manhã
todo agradecido
dos momentos de amor que uivou
comigo
eu fiquei lua sozinha no céu com aquela
saude amarela
e ele na terra cantando latindo partindo
uivando pra ela.

& poemas parte 1



Elisa Lucinda é atriz, escritora, poetisa e ativista brasileira. Nascida no Rio de Janeiro, é conhecida por seu talento que se destaca em diversas áreas culturais.

Autora de vários livros, sua escrita é marcada por uma abordagem sensível e engajada, explorando questões sociais, raciais e de gênero, onde tem sido uma voz ativa na defesa dos direitos das mulheres, dos negros e da comunidade LGBTQ+.

Leia ao lado “Late Ilusão” e conheça outros poemas de Elisa Lucinda no livro **Vozes guardadas** disponível nas livrarias digitais.



Laerte

Laerte Coutinho (São Paulo, 10 de junho de 1952) é uma das cartunistas mais conhecidas do Brasil. **Mulher** transgênero, é fundadora da ABRAT (Associação Brasileira de Transgêneros), organização que, segundo seu site oficial, “congrega pessoas transgêneras, seus familiares e amigos, bem como profissionais, pesquisadores e demais interessados na temática da transgeneridade, com o propósito de **defender a livre expressão da identidade transgênera**, os direitos civis das pessoas transgêneras e a sua maior compreensão, aceitação e inclusão na sociedade brasileira contemporânea”.



Phillis Wheatley



Phillis Wheatley foi a **primeira poetisa negra** a ser publicada nos Estados Unidos. Nascida na África Ocidental, foi escravizada ainda quando criança e vendida à região norte-americana. Há estudos que indicam que seu primeiro poema foi escrito ainda aos 12 anos de idade, o que trouxe para ela um certo fardo e responsabilidade de provar para os estadunidenses e europeus a racionalidade dos povos negros e a **importância da cultura africana** para a sociedade. Sua primeira obra foi publicada em 1773, aos vinte anos de idade, com o título **Poems on various subjects and moral** (Poemas sobre vários assuntos e temas morais).

Trecho do poema *"To the Right Honorable William"*

*Should you, my lord, while you peruse my song,
Wonder from whence my love of Freedom sprung,
Whence flow these wishes for the common good,
By feeling hearts alone best understood,
I, young in life, by seeming cruel fate
Was snatch'd from Afric's fancy'd happy seat:
What pangs excruciating must molest,
What sorrows labour in my parent's breast?
Steel'd was that soul and by no misery mov'd
That from a father seiz'd his babe belov'd:
Such, such my case. And can I then but pray
Others may never feel tyrannic sway?*

Se, Milorde, ao ler meus versos
Se indagar com surpresa sobre a origem de meu amor pela Liberdade,
De onde fluem meus anseios pelo bem comum,
Apenas compreensível pelos corações sensíveis,
Eu, ainda jovem, por destino cruel
Fui arrancada de minha querida África:
Que dores excruciantes torturaram,
Que tristezas acometeram o coração de meus pais?
Petrificada a alma, intocada pela piedade,
Daquele que subtrai de um pai sua criança amada:
É este, é este meu caso. E o que posso fazer senão rezar
Que outros nunca sejam submetidos a esse domínio tirânico

Julho

“em julho virei outro”
ouvi numa música
posso dizer que eu também

julho foi intenso
me perdi no segundo tempo

codependi por tanto
pouco me tornei
amei mais o outro do que a mim
vivi por outros esperando um "sim"

agora reflito
porque minto?

minto pra mim
fingindo que não ligo pro fim
finais me deixam enjoado
seja de vida ou de amor matado

não posso ficar com ele
fato que ignoro
porque é doce o sabor da ilusão

"do chão não passa"
me disseram
mas minha mãe passou
sete palmos desceu
caiu nos braços de morfeu

sinto falta da encheção sem motivo
o vento era sinal de perigo

perigoso era meu tesão
ela nem imaginava
achava o filho santo
no sigilo eu aprontava

nunca me aceitou
me queria de pastor
nesse ponto decepcionei
"desculpa, sou gay"



Guilherme Bronzato é estudante de Relações Públicas na Universidade de São Paulo (USP). Nascido em São Paulo, se considera aspirante a poeta após descobrir o gosto pela escrita durante a pandemia da COVID-19.

Autor do livro “Good Vibes - Desilusões de um jovem”, sua escrita é marcada por desabaços pessoais que se misturam com inspirações musicais e histórias contadas por pessoas que entrevista.

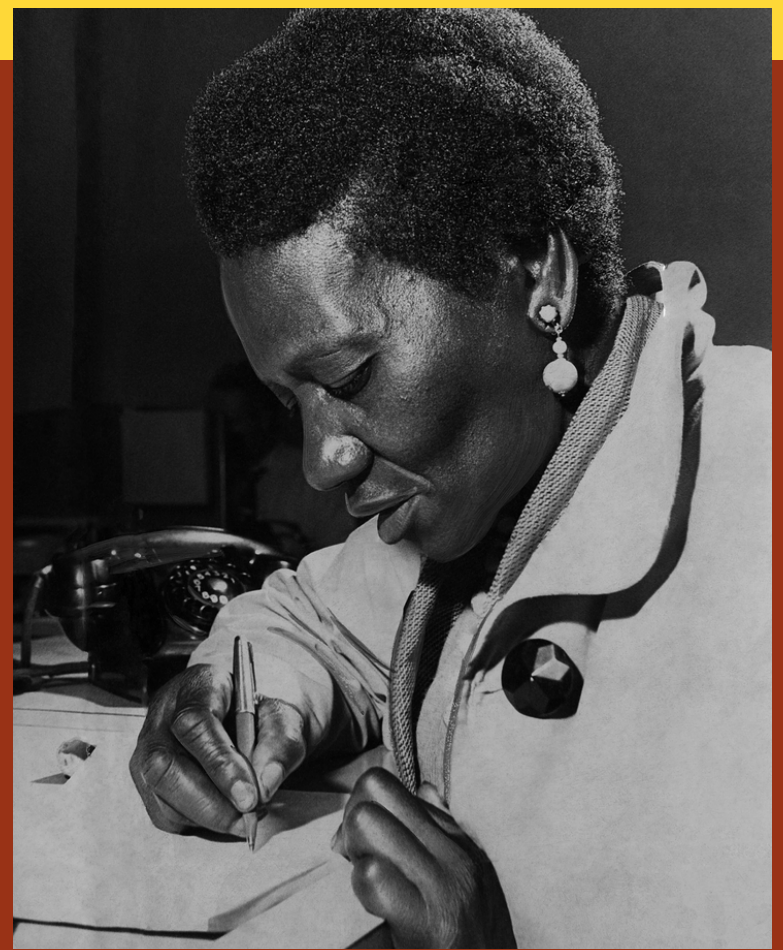
Leia ao lado “Julho”, poema de seu próximo livro “Sobre Algumas Coisas”. Conheça também outros poemas do autor no perfil do Instagram **@literalmentebronzato**.

Muitas fugiam ao me ver

Muitas fugiam ao me ver
Pensando que eu não percebia
Outras pediam pra ler
Os versos que eu escrevia

Era papel que eu catava
Para custear o meu viver
E no lixo eu encontrava livros para ler
Quantas coisas eu quiz fazer
Fui tolhida pelo preconceito
Se eu extinguir quero renascer
Num país que predomina o preto

Adeus! Adeus, eu vou morrer!
E deixo esses versos ao meu país
Se é que temos o direito de renascer
Quero um lugar, onde o preto é feliz.



Carolina Maria de Jesus foi uma escritora, poetisa e compositora brasileira. Ganhou notoriedade no cenário nacional e internacional com a publicação de seu *best seller* **“Quarto de Despejo: diário de uma favelada”**.

Carolina destacou-se porque retratou, principalmente, sua realidade como **moradora da favela do Canindé**, fazendo de sua escrita um meio para sair da invisibilidade social.

Com a publicação de seu livro “Quarto de Despejo”, em 1960, foi homenageada pela Academia Paulista de Letras, e pela Academia de Letras da Faculdade de Direito de São Paulo. No ano seguinte recebeu o título honorífico da Orden Caballero del Tornillo, na Argentina.

curadoria por
GUILHERME CRUZ BRONZATO,
VINICIUS ANTUNES CAVALCANTI,
KARINE DE JESUS SOUZA

diversidades no CRUSP: uma trincheira de raça e classe



texto por **DIANA TORRÃO; JOELMA; LORENA CRISTINA MENEZES SOUZA; SARA VIENA & VITOR JULIO FERREIRA JOSE**

O Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo (CRUSP) abriga estudantes da USP que não possuem condições financeiras de se manterem na cidade para estudar e obriga seus habitantes a, mais uma vez, se tornarem protagonistas de uma história de resistência e luta por direitos.

FOTO: MARCOS SANTOS / USP IMAGENS

O Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo (CRUSP), localizado no Campus Butantã, abriga estudantes da USP que não possuem condições financeiras de se manterem na cidade para estudar e necessitam deste espaço para que possam se graduar em seus cursos. Sua história é símbolo de resistência estudantil, principalmente para estudantes não brancos e de classe baixa, que já enfrentam a barreira do vestibular para ocuparem uma vaga na melhor Universidade brasileira da América Latina, espaço que ainda é visto como restrito para pessoas brancas, cisgênero e de classe alta.

O CRUSP inicialmente foi projetado para ser uma moradia temporária para abrigar atletas dos Jogos Pan-Americanos, em 1963, com a promessa de que, após o fim dos jogos, os prédios seriam passados aos estudantes como moradia estudantil. A promessa não foi cumprida e os estudantes, através de muita luta, ocuparam o Bloco A da moradia, marcando o CRUSP como um espaço de **ocupação e resistência** até hoje. Desde então, tem enfrentado descaso, abandono e perseguição por parte da Instituição e do Governo, como ocorreu na Ditadura Militar, em que o CRUSP foi invadido pelos militares em

17 de dezembro 1968, resultando na prisão de 800 estudantes, na obtenção de informações do movimento estudantil e na tomada de 2 dos 12 blocos, K e L, pela reitoria da Universidade, que ainda não os devolveram para cumprir sua função de moradia estudantil.

Atualmente, o CRUSP conta com 8 blocos, sendo 2 blocos da pós-graduação, ocupados por cerca de 1600 estudantes, vindos de diversos lugares do país e do mundo, como as/os estudantes intercambistas e com uma diversidade cada vez maior, resultado de adoção do sistema de cotas raciais e de escola pública no vestibular a partir de 2016, e também adoção do vestibular ENEM para ingresso, o que antes só era possível pelo vestibular próprio da Universidade, a FUVEST.

Devido ao abandono e descaso da universidade, a infraestrutura do CRUSP está comprometida e afeta diariamente a vida e principalmente a saúde mental de seus habitantes, que enfrentam frequentemente, não por acaso, a falta de serviços e manutenções básicas, como água, elevadores, cozinhas equipadas, lavanderia entre outros. Em pleno cenário pandêmico de 2020/2021, por exemplo, os moradores do CRUSP lidaram com a falta de alimentação, devido ao fechamento dos Restaurantes Universitários e a falta de cozinhas equipadas para preparem alimentos por conta própria, ficando a mercê de marmitas distribuídas, muitas vezes estragadas, pelo restaurante da Química, o único terceirizado no campus. Além disso, o período também contou com uma reforma estrutural súbita, informada com 15 dias de antecedência aos habitantes do Bloco D, que precisaram se retirar às pressas para que as obras fossem iniciadas, transformando o cenário em caos e pânico para aqueles que ali estavam e dali dependiam.



FOTO: MARCOS SANTOS / USP IMAGENS



FOTO: JORGE MARUTA / JORNAL DA USP

Com esse contexto, as raízes históricas relacionadas à batalha por direitos estudantis fincaram-se no solo da USP. Em 2023, a luta pela resistência ainda é um assunto exaustivamente comum quando se fala do Conjunto Residencial daquela que é conhecida como uma das melhores universidades da América Latina. Tamanho cansaço é compreensível quando se analisa o já mencionado perfil socioeconômico dos moradores do CRUSP: a suscetibilidade ao esgotamento torna-se muito maior quando a luta pelos direitos estudantis é atrelada à luta antissistêmica, pela quebra de paradigmas sociais e pela própria sobrevivência.

Sobre essa temática, o estudante de Geofísica, Giovani, de 22 anos, relata:

“O principal sentimento é de revolta porque quando eu estou andando no campus e recebo vários olhares tortos desses playboy aí, entendeu? Que fica incomodado porque os favelados estão na Universidade e a revolta também é porque, ainda que nós estejamos chegando, somos poucos ainda. A maior parte ainda pelo que eu vejo andando no campus é uns boyzão, pessoal de classe média. Que não representa a maior parte da população brasileira e isso dá muita revolta. Fora outras questões aí que todo o sistema e a reitoria fazem de tudo pra oprimir nós estudantes que viemos de vulnerabilidade social.”

“É muito difícil lidar com tudo isso e tentar se formar mas tá aí na resistência”.”

Sob essa perspectiva, a vivência de Giovani é reconhecida por muitos outros estudantes do CRUSP. Nesse sentido, a pluralidade de pessoas, ideias e sentimentos encontra opiniões em comum diante do descaso da Universidade com seus discentes. Tal afirmação é corroborada por declarações como a de Fabricio, de 26 anos, estudante de Publicidade e Propaganda, que diz:

“Sinto que estou indo além das expectativas da minha classe e estou ocupando um lugar de destaque. Ao mesmo tempo, sinto que a Universidade ainda não está preparada para lidar com alunos de baixa renda, pois, apesar de existirem algumas políticas, os moradores do CRUSP passam por constantes situações de abandono”.”

Diante desse cenário, através dos relatos de seus estudantes, a Universidade de São Paulo revela suas limitações nas tentativas de lidar com a diversidade do próprio corpo estudantil. Sobre o assunto, Fabricio também comenta:

“Como pessoa LGBTQIAP+, sinto que apesar da USP e o CRUSP serem lugares com muita diversidade, ainda existe um despreparo da universidade”

em lidar com as questões psicológicas desse grupo. Existem poucas ações e informações voltadas à saúde mental”.

Em síntese, a realidade vivida por milhares de moradores do CRUSP é apenas mais um elemento que reforça a necessidade da continuidade de luta pelos direitos estudantis e contra o descaso institucional. Sob essa perspectiva, a história evidencia que a inércia diante do exercício dos poderes preponderantes resulta na manutenção de privilégios e extinção dos já escassos direitos das minorias sociais. Nesse sentido, Giovani volta a explicar:

“Mesmo eles perseguindo e tentando expulsar estudantes que estavam na luta e eu enxergo que é isso, às vezes eles dão algumas migalhas, mas é devido a pressão que a gente faz, só que nunca no intuito de realmente fortalecer nós que estamos precisando. A USP, a reitoria, as classes dominantes sempre trataram com descaso a permanência estudantil porque eles não nos querem aqui na universidade”.

Posto isso, os protagonistas da grandiosidade de uma das melhores universidades do mundo, decretam sua luta por resistência através de relatos como o do estudante de Geofísica, que conclui:

“Nós não podemos desistir, nós que é pobre, sofredor, mas aprende a lidar com o sofrimento apesar de ser muito difícil às vezes, a gente pensa em parar mas a gente aprende que a gente tem que seguir em frente de cabeça erguida sempre e na luta por melhores dias para o nosso povo”.



FOTO: MARCOS SANTOS / USP IMAGENS



universidade inclusiva:

como se envolver com as questões de diversidade ainda na faculdade?

texto por **LORENZO DE MELLO** e **MAYARA JAOUDE**
fotos por **ADOBESTOCK**



Ao entrar na universidade, é comum se deparar com diversos coletivos e movimentos sociais se apresentando logo na semana de recepção. Es alunes que entram na faculdade na expectativa de viver seus sonhos acadêmicos e profissionais logo são atravessados por diversas vivências que muitas vezes deslocam elus de uma posição de conforto e se chocam com a realidade, ou validam sentimentos muito profundos de que es bixes não estão sozinhes.

Os contrastes se apresentam logo de cara, diversos alunos cis-héteros-brancos criados segundo a norma se deparam com movimentos sociais e coletivos que pautam uma mudança radical dessa norma e buscam, ao mesmo tempo, apresentar realidades e vivências de pessoas diversas, aliar pessoas que se identificam com as pautas e propor um pensamento crítico sobre as suas realidades. Alunos que ingressam na faculdade se entendendo como heterossexuais entram em contato com os coletivos podem descobrir que a realidade que viveram a sua vida inteira, na verdade, é outra e ali entram em contato com a sua verdadeira sexualidade e gênero.

Estas descobertas e movimentos só surgem porque coletivos e movimentos sociais vêm pautando mudanças de pensamento e comportamento nos ambientes da faculdade há anos, prezando sempre quebrar com a heteronormatividade e deselitizar a faculdade. Coletivos, estes, compostos pelos alunos, para ingressantes da faculdade. Então, resta uma pergunta: como eu participo desses coletivos e movimentos?

Ao mesmo tempo que esses espaços existem na faculdade eles também não são completos e não abarcam a vasta diversidade das pessoas. Alguns coletivos não estão prontos e não existe a pauta de identificação que uma alune busca no instituto que elu ingressou. Na FAU-USP o coletivo LGBT sempre teve alguns problemas, ao mesmo tempo que lidava com ingressantes de diversas sexualidades e buscava ser um espaço de conforto para essas pessoas, o coletivo era muito composto por alunos gays, lésbicas e bissexuais cis, que pautavam suas dores perante a normatividade, mas não estavam propondo o mesmo conforto para pessoas trans, que, por mais que essas

pessoas compartilham das dores de ser LGBT, não encontram o conforto e apoio necessário nesse grupo. Surgiu então a necessidade de criar um novo coletivo que pudesse abarcar, apoiar e lutar por pautas mais específicas de um grupo ainda muito marginalizado dentro da faculdade. Segundo Vic, da FAU, um dos fundadores do coletivo trans:

O coletivo Bento surgiu quando alguns estudantes trans da FAU se sentiram desconfortáveis como algumas pessoas cis estavam levantando propostas de diversidade que não contemplavam a nossa realidade em uma das chapas durante a votação do grêmio da FAU de 2022. Diante da situação, eu e mais algumas amigas começamos a conversar e percebemos a necessidade desse coletivo, nós temos muitas dores em comum que os outros coletivos da FAU não estavam conseguindo dar o apoio necessário, então buscamos nós mesmos criar essa rede de apoio. Ainda estamos em um processo muito inicial e tentando entender o nosso papel como coletivo, mas estamos nos acolhendo muito em nossas reuniões e conversando bastante sobre como melhorar a nossa realidade dentro da universidade e se apoiar em questões práticas do nosso dia a dia, como retificar o nome social e acompanharmos uns aos outros ao banheiro quando alguém não se sentir confortável de ir sozinho.

O coletivo tem seu nome em homenagem ao Bento, homem transmasculino aluno da FAU que, infelizmente, tirou sua própria vida devido a questões acerca de sua transexualidade. O aluno ingressou em arquitetura e urbanismo em 2018 e agora é lembrado pelo coletivo, lembrando a necessidade de tratar as

dores específicas de cada comunidade com o devido apoio, carinho e respeito às vivências des alunes.

Existem também outras formas menos enviesadas de trabalhar a diversidade que podem beneficiar o todo de forma mais geral e, conseqüentemente, as comunidades dentro dele. Trazendo um exemplo mais popular, as festas e jogos universitários são momentos de diversão e descontração, porém, muitas vezes, também são cenários excludentes e propícios para situações de assédio, violência e discriminação. Para enfrentar esse problema e garantir um ambiente seguro, inclusivo e diverso, foi criada a Comissão Anti-Opressão (CAO), que segue sendo reproduzida por alunes de diversas faculdades dentro da USP. Esse movimento composto pelos grupos mais diversos de alunes tem desempenhado um papel fundamental na prevenção e combate a práticas discriminatórias relacionadas à raça, gênero e sexualidade.

A CAO organiza treinamentos e workshops para conscientizar os estudantes sobre a importância do respeito mútuo, além de oferecer orientações sobre como identificar e intervir em situações de violência e discriminação. Durante as festas universitárias, os membros da comissão estão presentes para monitorar o ambiente, identificar comportamentos abusivos e prestar apoio às vítimas. A CAO também estabelece parcerias com seguranças, responsáveis pelo evento e demais órgãos universitários, a fim de implementar medidas de prevenção e punição.

A participação de estudantes na CAO é fundamental, mesmo para aqueles quenão fazem parte dos grupos minorizados. Embora essas pessoas possam não experimentar diretamente

as formas de opressão, é essencial que elas se conscientizem sobre as desigualdades e se engajem em ações de combate a elas. Ao participar de movimentos como a CAO, as alunas não apenas demonstram empatia e solidariedade, mas também contribuem ativamente para a criação de um ambiente universitário mais igualitário, seguro e acolhedor para todos.

Um dos pontos-chave a ser enfatizado é que o envolvimento em questões de diversidade não precisa ser complexo. Transformar ambientes já existentes em espaços seguros para todos é um passo simples, mas fundamental, para garantir a diversidade em qualquer lugar. A CAO atua exatamente nesse sentido, intervindo e promovendo a conscientização em uma das manifestações culturais mais comuns da vivência universitária e buscando manter a discussão em foco também nas atividades cotidianas.

Participar dos coletivos universitários, da CAO e de movimentos similares é uma forma concreta e eficaz de promover a igualdade e construir ambientes receptivos para as diferentes formas de existência, partindo do cenário acadêmico e abrindo portas para outros núcleos. Essas ações mostram que é possível transformar a cultura e os ambientes já existentes, tornando-os seguros e inclusivos para todas as pessoas, independentemente de sua raça, gênero ou sexualidade. Cada indivíduo, independente de sua vivência, tem um papel importante na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Assim, é fundamental que todos se engajem nessa luta pela diversidade, mesmo que de formas simples, contribuindo para a construção de uma festa, uma sala de aula, um instituto, uma universidade, uma sociedade acolhedora para todos.





ENTREVISTA

DODI LEAL: entre a arte e o ensino

caminhos de presença e
diversidade docente na
Universidade de São Paulo

texto por **DAVI LOPES MOTA**
e **RENATA FREDERICO MESQUITA**

A artista, professora e pesquisadora Dodi Leal fala sobre carreira, docência e os caminhos que a academia deve seguir para ser cada vez mais diversa e inclusiva! "Eu ainda sou a única pessoa trans efetiva no ensino de artes do mundo no ensino superior público". Confira a entrevista exclusiva realizada para alunos da ECA USP.

Dodi Leal é professora de Artes Cênicas na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), em Porto Seguro e no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAC/UDESC), em Florianópolis. Além disso, ela é líder do Grupo de Pesquisa "Pedagogia da Performance: visualidades da cena e tecnologias críticas do corpo" (CNPq/UFSB). Seus estudos e obras artísticas abrangem as áreas de performance, iluminação

cênica, crítica teatral, curadoria e pedagogia das artes.

Dodi Leal possui um doutorado em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP) e é licenciada em Artes Cênicas pela Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA-USP). Além de seu trabalho acadêmico, ela também dirige a série TEATRA, publicada pela editora Hucitec.

Na entrevista concedida à revista *Outrossim*, a professora Dodi Leal compartilhou sua trajetória e discutiu a importância da diversidade nos espaços formais de educação. Como a primeira professora abertamente travesti a lecionar na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), Dodi destacou a relevância de sua presença como um ato político e de enfrentamento de desigualdades históricas.

“Eu costumo dizer que eu sou indisciplinar justamente porque eu acabo transitando por áreas diferentes e nunca foi uma área depois na outra, na verdade, foi uma graduação depois da outra, mas as áreas sempre acabaram atuando juntas. Durante o ensino médio, participei de um grupo de teatro e vencemos o Festival Cepacol de Cultura e Esporte contra as maiores escolas particulares de São Paulo. Conciliando teatro e estudos de contabilidade, ingressei na faculdade buscando melhores condições de vida e escapando de uma repressão familiar intensa relacionada a gênero e sexualidade. Aproveitando oportunidades na USP, envolvi-me em projetos de extensão e cursei disciplinas de psicologia e artes cênicas simultaneamente. Com determinação, completei uma graduação em contabilidade, seguida por outra em artes cênicas e uma pós-graduação em produção audiovisual. Em seguida, embarquei em um doutorado em psicologia, que concluí junto com um concurso público. Defendi minha tese, mudei-me para a Bahia e resumo assim os últimos 20 anos de minha vida.”

Dodi Leal se apresenta como uma artista comprometida em cultivar sua carreira artística em paralelo com seu trabalho como professora. Com cinco anos de atuação como docente efetiva

na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), ela destaca a importância de manter essa dualidade. Apesar de ter residido a maior parte de sua vida em São Paulo, Dodi ressalta que sua família não tem raízes na cidade, seus familiares são originários do Piauí, Portugal e Espanha, migrando para São Paulo em diferentes momentos da história. Dodi destaca que retomou sua carreira artística em 2021, durante a pandemia, e desde então tem se dedicado aos palcos com afinco.

“Sou uma artista, professora e acho que é importante dizer isso porque quando atuamos como docentes, é comum nos restringirmos apenas à docência. No entanto, enfatizo a importância de continuar minha carreira artística enquanto atuo como docente. Acredito que essa dualidade é fundamental e tenho buscado cultivá-la. Desde que voltei aos palcos em 2021, no meio da pandemia, consegui encontrar essa virada que considero muito importante.”

Ao lecionar a disciplina "Fabulações Travestis sobre o fim", Dodi encontrou na ECA uma oportunidade de atuar em um projeto com o apoio do professor Marcos Bulhões. A disciplina que aborda performance e acontece no Laboratório de Práticas Performativas, tem sido oferecida anualmente pela professora tanto na USP quanto na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

“Ele me convidou pra dar uma disciplina de performance e como eu já tenho esse material pronto ele me deu duas opções, ou você faz uma disciplina comigo e a gente cria algo juntos ou você dá uma sozinha que é mais ou menos o que você já deve fazer, e eu preferi esse caminho porque seria a primeira vez, que eu iria dar a disciplina sozinha e deixei aberta a possibilidade da gente fazer novas edições tanto da disciplina sozinha quanto de outra disciplina conjunta.”

Ao fazer um comparativo entre a UFSB e a USP no que tange à diversidade Dodi compartilhou suas percepções sobre as principais diferenças entre as duas instituições:

"A Universidade do Sul da Bahia (UFSB) possui a maior política afirmativa do mundo, com 75% das vagas destinadas a cotas, o que transforma o perfil do corpo docente. Em contraste, a USP enfrenta desafios devido à sua abordagem meritocrática na seleção de estudantes. A UFSB resolveu essa questão em 10 anos, enquanto a USP ainda está em processo. No entanto, a falta de infraestrutura na UFSB, como restaurantes, moradias e transporte adequado, afeta todos os estudantes. Infelizmente, as autoridades não fornecem o apoio necessário para solucionar esses problemas. Eu trabalho para expor essa realidade, denunciando e vazando informações. Por exemplo, já realizamos pichações para chamar atenção. É importante divulgar essas questões."

Dodi ressaltou a escassez de pessoas trans como professoras no ensino superior público e a necessidade de reparação histórica nesse sentido. Ela enxerga seu próprio trabalho como uma oportunidade para que mais pessoas trans possam se tornar professoras, rompendo com o papel de objeto de pesquisa ou estudante e ocupando posições de docência e pesquisa de forma mais ampla e inclusiva.

"Bom, realmente é outro escândalo, só em 2023 a ECA ter tido pela primeira vez uma professora, uma pessoa trans professora né, porque a primeira travesti, mas falar a pessoa trans de uma forma geral."

Isso é alarmante! Iniciar assim, eu fui mesmo a primeira professora trans da USP inteira em 2016 também como convidada, então, como assim só agora? E como convidada ainda? Por

[...] A USP enfrenta desafios devido à sua abordagem meritocrática na seleção de estudantes.

que essa estrutura acontece? Qual a reparação que a gente ainda tem que fazer historicamente?

Eu acho que é extremamente política a minha participação, a minha atuação, eu vejo até como uma dificuldade imensa porque eu tenho que dar conta das minhas 40 horas semanais e acabo tendo que também colaborar em outros lugares justamente porque eu vejo que existe uma missão! Então eu vejo que é uma oportunidade também de atuar em um projeto para dar a oportunidade para que mais pessoas trans sejam professoras, porque a gente costuma estar muito num lugar de objeto de pesquisa.

Começaram agora a ter mais estudantes trans, mas se você for ver são pouquíssimas pessoas trans professoras né e efetivas muito menos, com doutorado. Eu ainda sou a única pessoa trans efetiva no ensino de artes do mundo no ensino superior público, então isso é um escândalo, isso é realmente alarmante. É uma reparação que a gente tem que fazer, urgente.”

Os alunos então perguntaram sobre a abordagem da diversidade em sua prática docente, e Dodi enfatizou a importância da presença de pessoas trans e não-binárias como docentes para que a diversidade deixe de ser apenas um tema e se torne uma prática efetiva. Ela defende que o ensino de gênero, sexualidade e estudos de diversidade devem ser feitos por aqueles que vivenciam essas experiências, promovendo uma educação transformadora.

“Presença para mim é a palavra chave para esse enfrentamento. No momento em que a gente tiver cada vez mais pessoas trans, não-binárias, trans não-binárias, enfim, todas as possibilidades de desobediência de gênero presentes no ensino fundamental e ensino médio, enquanto docentes, a gente vai ter modificações na estrutura.

Porque a diversidade, assim, desse jeito, com a presença de pessoas trans e não-binárias na educação como docentes, deixa de ser um tema, deixa de ser um assunto e passa a ser uma prática, passa a ser a própria presença.

Então, eu acredito muito que a gente pode e deve trabalhar e dar aulas com práticas de gênero, estudos de gênero e estudos de sexualidade na escola.

E ao mesmo tempo, para fazer isso, é só conosco se for sobre nós. Acho que a gente precisa estar nesses lugares, para que essas políticas educacionais sejam efetivas, porque educação é transformação. O que a gente pensa em fazer é transformar muitas barreiras, ortodoxias e problemas sociais que a gente tem. Então, a educação só faz sentido quando ela é transformadora, no meu ponto de vista.”

Dodi ainda traz sua percepção de como a arte consegue atuar dentro dos processos de educação e como os temas sobre diversidade podem afetar positivamente as pessoas:

“Eu acho que é bem quando a arte pega pelas vísceras a pessoa, dá um sacolejo e apresenta, olha, é sobre você. Então, quando eu apresento meu espetáculo, tem uma parte que as pessoas usam óculos de realidade virtual e muita gente chora dentro do óculos, porque elas ficam impactadas com a história que eu conto e canto com a minha mãe. Eu vejo na carne que as pessoas foram pegadas pelas vísceras. Então, para mim, está aí um papel educador da arte, quando ela toca... e ela sempre toca.”

Dodi também compartilhou sua realização profissional atual, o espetáculo "TRAVED", uma palestra performance em realidade virtual. Através dessa experiência, ela conta sua história de um acidente de bicicleta, abordando questões como a



TRAVED, FOTO: DIVULGAÇÃO

relação do corpo com as máquinas e sua pesquisa acadêmica. A receptividade do público tem sido impactante, com sessões lotadas e uma circulação bem-sucedida por diferentes cidades do país.

Ao perguntarmos sobre como ela definiria Diversidade, Dodi responde:

“Pra mim, diversidade é tudo, menos o Pink Money. Assim como a gente vê, por exemplo, que no Brasil hoje não existe efetiva democracia racial, a gente vê também que não existe efetiva igualdade de gênero, a gente vê que não existe efetiva inclusão, a diversidade também não existe efetivamente na prática. Então ela é uma mentira ainda. Eu acredito que os circuitos econômicos como o neoliberalismo se aproveitam do discurso da diversidade, da democracia racial, da inclusão, da igualdade de gênero, para vender mais, para lucrar. Então eu vejo que diversidade, pra mim, deveria ser algo que rompa com esse paradigma, ou que pelo menos tente romper. Não simplesmente atender os parâmetros da indústria, da economia neoliberal. Acho que foi uma resposta curta e grossa, né? Tudo menos o Pink Money, é assim que eu vejo.”

Finalmente, Dodi deixou um importante conselho para os leitores da revista: ocupar os espaços de poder e transformação. Ela acredita que é necessário ocupar para promover mudanças efetivas, colocando em prática políticas de diversidade e possibilitando a presença de grupos não hegemônicos.

“Ocupar! Ocupar as instituições, ocupar a escola, ocupar a arte, ocupar o jornalismo, ocupar os espaços de política, de poder, enfim. Tudo que for preciso modificar é preciso que a gente ocupe para transformar. De fora das instituições, eu não sei quais caminhos usar, eu acredito muito nas transformações de dentro das instituições.”

Dodi Leal é um exemplo inspirador de luta pela diversidade na educação. Sua presença como professora trans na USP e sua atuação artística e acadêmica são uma representação da necessidade de ampliar a diversidade nos espaços formais de educação. Através de sua experiência e trabalho, ela desafia as estruturas vigentes e busca promover transformações reais em prol de uma sociedade mais inclusiva e igualitária.



texto por **MURILO ARCHAS YAMASSITA** e **MURILO GARCIA DE SOUZA**

fotos por **FILMGRAB**

sob a luz da diversidade



Além disso, "Moonlight: Sob a Luz do Luar" apresenta como ponto essencial uma concepção de sexualidade diferente da heteronormativa ao abordar a relação de Chiron com a descoberta de seus desejos. A narrativa é cuidadosa ao retratar esse processo, já que o filme não só mostra como a falta de aceitação e o medo da rejeição podem afetar profundamente a vida de uma pessoa, como também destaca a importância da inclusão e do respeito por todas as orientações sexuais.

Através de seus personagens secundários, o filme também aborda questões de classe social e marginalização. O contraste entre o ambiente violento em que Chiron cresce e o refúgio que encontra na figura de Juan - interpretado pelo premiado Mahershala Ali -, um traficante de drogas com uma visão paternal, reflete as complexidades da sociedade e a necessidade de compreender as diferentes realidades enfrentadas por indivíduos em situações vulneráveis, afinal, como Calvino (2009) aponta, essas grandes mídias detém um grande papel na formação da sociabilidade dos indivíduos e do coletivo.

A direção de Barry Jenkins captura a intensidade emocional de cada cena. O uso da cinematografia, juntamente com a trilha sonora melancólica, contribui para a atmosfera envolvente do filme que ainda conta com uma fotografia tocante.

"**Moonlight: Sob a luz do luar**" é um filme de drama lançado em 2016 e dirigido por Barry Jenkins. Com uma narrativa carregada de sensibilidade, o filme retrata a jornada de Chiron - um jovem negro - em três fases diferentes de sua vida. Ao explorar temas como identidade, sexualidade e a busca por aceitação, a obra de Jenkins mergulha de maneira cativante nas profundezas da experiência humana. Ao abordar a diversidade, o filme proporciona uma perspectiva perspicaz e comovente sobre as experiências vividas por pessoas que foram marginalizadas na sociedade.

Desde o início, o filme adentra em questões de diversidade racial ao mostrar a luta de Chiron para encontrar sua identidade em um ambiente onde as expectativas e estereótipos sociais são predominantes. Através da sua história, o espectador é apresentado a realidade de muitos jovens negros que enfrentam a discriminação e o preconceito diariamente em um sistema patriarcal, machista, racista e LGBTfóbico.

A atuação de todo o elenco é digna de destaque, especialmente a interpretação tripla de Chiron por Alex R. Hibbert, Ashton Sanders e Trevante Rhodes, que auxiliam na construção de um personagem esférico, conhecido pela sua profundidade e coerência.

A película também recebeu reconhecimento pela Academia, ganhando o Oscar de Melhor Filme em 2017. Esse reconhecimento ressalta a importância de contar histórias diversas e ampliar a representação no cinema. A obra em questão é um exemplo de como a arte pode ser catalisadora de narrativas diversas poderosas. Somado a isso, o filme promove uma reflexão para o espectador sobre vivências distintas, já

afro descendentes na mídia de massa”, de Acevedo e Nohara, o qual aborda sobre como muitos desses papéis são estigmatizantes e vexatórios.

A partir do que foi exposto, “Moonlight: Sob a Luz do Luar” entra como um novo clássico da cinematografia mundial, na medida em que traz luz a temas pertinentes e delicados de maneira sensível. Além disso, o filme cumpre um papel social importante, uma vez que imerge o espectador na obra, fomentando uma reflexão sobre o nosso posicionamento em relação a temas como diversidade, por exemplo. Por último, destaca-se o papel transgressor da arte, que além de ser fonte de contemplação, pode ser uma aliada poderosa e transformadora ao



que observa a corpos não brancos como protagonistas potentes e, como Bandura (2006) discorre, esses meios de comunicação detêm uma força de modelagem psicológica sobre o ser humano no campo psicossocial.

Dessa forma, através do protagonismo conferido a esses grupos no filme, surge naturalmente o debate sobre suas existências, além da problematização das relações étnicas interpessoais, conscientizando o telespectador sobre tais mecanismos o que rompe com a forma que essas representações são comumente feitas, como explicita o artigo “Interpretações sobre os retratos dos

trazer para a esfera pública temas que muitas vezes são invisibilizados.

Desse modo, a obra promove um verdadeiro exercício de alteridade, dissecando mecanismos sociais que muitas vezes passam despercebidos ao olhar desatento do cotidiano. Assim, torna-se um convite para a discussão e supressão de vieses inconscientes reproduzidos de forma sistemática no campo social.



texto por **VICTÓRIA DE ARRUDA MIRANDA**
e **LUIZ FERNANDO ANTONELI GALATI**
fotos por UOL

rompendo barreiras:



**a telenovela
como espelho
da falta de
representatividade
não branca**

As telenovelas brasileiras são uma parte importante da cultura televisiva do país há décadas, em parte por sua capacidade de retratar aspectos da sociedade brasileira e estabelecer diferentes tipos de conexão com os espectadores. Ao assisti-las, muitas pessoas se identificam com personagens e histórias que refletem suas próprias experiências e realidades.

Essas produções têm, no entanto, um grande problema: a falta de diversidade de seus atores, escritores e diretores. Uma pesquisa acadêmica¹ elaborada por Luiz Augusto Campos, professor de sociologia da UERJ, e João Feres Júnior, professor de Ciência Política da mesma instituição, constatou que as 156 telenovelas brasileiras lançadas pela Rede Globo de Televisão entre 1985 e 2014 têm, em média, “91,2% dos seus personagens centrais representados por atores e atrizes brancos”. Como comparação, os autores apontam que apenas 47,9% da população brasileira se reconheceu como branca no censo de 2010.

Outro levantamento, realizado pelo portal Agência UVA, constatou que todos os 95 autores titulares de telenovelas da TV Globo foram pessoas brancas, assim como foram “153 dos 160 roteiristas colaboradores e 179 dos 182 diretores” dessas telenovelas.

A falta de representatividade das pessoas não brancas nessas produções é, portanto, evidente. Como em outros campos de atividade humana, pessoas brancas estiveram historicamente muito mais presentes nos elencos de atores, diretores e colaboradores das telenovelas brasileiras. Há, inclusive, inúmeros casos de atrizes e atores brancos interpretando personagens não brancos. Por exemplo, Sérgio Cardoso, um ator branco, interpretou Tomás, um homem negro, na telenovela *A Cabana do Pai Tomás*, exibida pela TV Globo entre 1969 e 1970 - esta é, inclusive, considerada uma novela racista por causa do uso de blackface. Já Giovanna Antonelli, atriz branca, interpretou uma mulher negra em *Segundo Sol* (TV Globo, 2018),

uma mulher japonesa em *Sol Nascente* (TV Globo, 2016/2017) e uma mulher muçulmana em *O Clone* (TV Globo, 2001/2002).

O estudo dos professores Campos e Júnior aponta, ainda, que, até 2014, as novelas em que pretos e pardos se faziam um pouco mais presentes eram também aquelas que tratavam de temas que costumavam “reproduzir imagens clichês e estereotipadas deles”, como as telenovelas centradas “na escravidão, nas favelas, na periferia, no campo etc.”.

Além disso, o mesmo estudo indica que, embora a proporção de mulheres nos elencos das novelas consideradas seja semelhante à proporção de homens, “os papéis interpretados por mulheres e homens costumam obedecer a estereótipos tradicionais de gênero”.

É assustador constatar tamanha disparidade de representação e tamanhas distorções. Não é admissível que uma rede de televisão que há muito tempo pretende representar o Brasil e seu povo tenha deixado isso acontecer. Vivemos em um país que ainda sofre com o legado de anos de escravidão, e é necessário que atores sociais poderosos como a Rede Globo ajam com firmeza e obstinação para combater qualquer tipo de discriminação - e isso não deve ser feito de forma desorganizada ou pontual, mas sim de forma constante e organizada, a partir do diálogo com os movimentos sociais e a academia.

É verdade que nos últimos anos temos visto um aumento significativo de atores e atrizes não brancos ocupando papéis de destaque nas telenovelas da Globo, além de uma tentativa por parte da rede de televisão de abordar temas relacionados à ideia de diversidade sexual e de gênero.

Em 2015, apontam Campos e Júnior, a rede de televisão lançou *Babilônia*, uma novela cuja protagonista era negra e boa parte do elenco era composto por pretos e pardos, e os seriados *O Sexo e as Nêga* e *Mister Brau*, que tinham características parecidas de composição de elenco.

Em 2017, a novela *A Força do Querer*, escrita por Glória Perez, abordou temas como a transexualidade e trouxe personagens não brancos em papéis centrais (Ivana/Ivan foi uma das primeiras personagens trans na história das telenovelas brasileiras, muito embora tenha sido representada por Carol Duarte, uma mulher cisgênero). Já em 2019, na novela *A Dona do Pedaço*, a atriz trans Glamour Garcia interpretou a personagem trans Britney. Por último, *Amor de Mãe* (2019-2021) teve um elenco diversificado e abordou temas sociais importantes, como a maternidade e a desigualdade racial.



Ainda assim, a composição dos elencos de atores das novelas da emissora está longe de refletir a composição da população brasileira. Além disso, não basta colocar pessoas não brancas nesses elencos: também é necessário fugir de clichês e estereótipos. Como disse a atriz Yara Charry, de *Todas as Flores* (2022/2023):

“qualquer papel, independente do nível social, pode ser feito por uma atriz negra, branca, indígena. Pessoas pretas podem fazer qualquer tipo de personagem”

Na mesma linha, o ator Samuel de Assis, que representa o advogado bem-sucedido Ben, protagonista na novela *Vai na Fé* (2023), afirmou que “a gente precisa ver pessoas pretas nesse lugar. Pessoas pretas que não são bandidas, que não têm milhões de problemas familiares, que não estão se ferrando na vida”.

Em relação às equipes de escritores e diretores dessas novelas, a situação parece ser ainda pior: mesmo agora, em 2023, não foi possível encontrar uma pessoa não branca que fizesse parte de alguma dessas equipes. Isso é grave, na medida em que, como apontam Campos e Júnior, “os escritores e diretores das novelas da Rede Globo têm um papel que vai muito além da formulação e condução das narrativas dramáticas. Mais do que isso, eles participam da escolha dos protagonistas e de boa parte do elenco, além de opinarem sobre detalhes que vão da locação ao figurino das novelas”. Ou seja, essas equipes encontram-se numa situação de poder em relação à elaboração e produção de cada parte de uma telenovela.

O fato de elas não contarem com indivíduos não brancos reflete e exemplifica a extrema dificuldade que esses indivíduos têm de acessar posições sociais de poder.

Portanto, apesar dos avanços, que consideramos tímidos, ainda há muito a ser feito. É necessário continuar ampliando a presença de atores e atrizes não brancos em papéis de destaque nas telenovelas, garantir que essas produções sejam mais diversas em suas histórias e narrativas (de modo que elas sejam capazes de refletir melhor as realidades das comunidades étnicas do Brasil) e, principalmente, facilitar e estimular o acesso de pessoas não brancas às equipes de diretores e escritores das peças. E isso vale para a Rede Globo e para quaisquer outras produtoras de telenovelas.

texto por **GIOVANNA CAROLINA DE OLIVEIRA** e
MATHEUS DIAS ARAUJO
fotos por REPRODUÇÃO FILMGRAB

ver, enxergar reconhecer e representar

“Posicionamento de marca”: talvez este seja um dos assuntos que os profissionais da comunicação mais têm ouvido falar no seu dia a dia. Afinal, quando algo se torna moda no mundo empresarial, é comum que os negócios queiram seguir a tendência a fim de ganhar “uns minutos de fama” e conseguir a atenção de mais compradores. Por conta disso, muitas vezes, os planos de branding não são planejados seguindo boas práticas reais, ocasionando erros das organizações no propósito de “levantar a bandeira”.

Entretanto, existem empresas que realmente têm executado um bom trabalho nesse âmbito, fazendo não só propagandas que chamam a atenção para causas, mas também criando ações que promovem aquilo que comunicam e que defendem no cenário interno da organização. Assim fazendo cada vez mais recorrente a temática de diversidade. Tratando deste assunto nas instituições, foca-se em transformar os ambientes em lugares mais plurais, buscando adicionar mais pessoas que sejam “diferentes” daquelas comumente vistas, ou seja, o “padrão” branco, cis e heteronormativo.

A diversidade passou a ser associada às minorias, que é entendida como mulheres, negros, gays, lésbicas, incluindo uma gama de pessoas que



possuem diversos nuances e que nem sempre são encontradas realmente em menor quantidade numérica para serem a “minoria”, mas que se tornam ao serem postas nesse local de minorizados e tratados como um grande “bolo de gente”.

Assim, o que pode ser entendido desses programas modernos é que as empresas têm buscado incluir mais indivíduos no seu quadro de funcionários, em uma tentativa de trazer mais pontos de vista para a organização e dar voz para essas pessoas, que, muitas vezes, precisam de mais incentivos e apoios para conseguirem chegar em determinados espaços. Isto muito por conta do preconceito que sofrem que, se não houvesse algo que resguardasse sua chance, jamais haveria a possibilidade

deles alcançarem certos patamares. Apesar disso, ainda é preciso reconhecer que esses projetos possuem problemas e são ancorados em pesquisas de marketing modernas que percebem as empresas com investimento em programas de diversidade como mais lucrativas, pois este tópico está sendo cada vez mais demandado pela sociedade e as organizações querem seguir aquilo que acontece no mundo.



Os negócios que queiram sobreviver no mercado moderno precisam se enquadrar naquilo que a população exige e, atualmente, o que é reivindicado pelas pessoas, fundamentalmente os jovens, é a inclusão e multiplicidade de indivíduos nas empresas, bem como a exposição dos diferentes corpos e formas de viver nas comunicações. A partir dessa lógica, é trabalhado o pertencimento na empresa e se criam relacionamentos com a marca, com a finalidade de garantir, não só que diferentes nichos adquiram os produtos, mas que se desenvolva uma boa reputação, fazendo dos públicos mais do que meros compradores, mas sim admiradores da organização com confiança nela.

Contudo, como as empresas que têm elaborado um bom posicionamento de marca mostram isso para as pessoas? Usualmente, elas fazem isso por meio de propagandas, geralmente em datas

importantes, que podem ser mais discretas, como a da Stella Artois para o Dia das Mulheres que contou com o convite para as colaboradoras da empresa se posicionarem frente às câmeras, ou bem exuberantes, como a do Doritos no mês do orgulho LGBTQIA+, a qual trouxe a cantora drag Gloria Groove para encabeçar uma peça cheia de cores e vibrações. Ademais, também existem os casos de organizações que sofrem com algumas

crises depois de cometerem um equívoco grave e precisam assumir o erro, comunicando algum tipo de reparação, tal qual o caso do Carrefour, que após incidentes de racismo, fez um anúncio falando de seu novo programa “Não Vamos Esquecer” no qual, ao mostrarem uma multiplicidade de corpos, apresentou seus novos projetos incentivando

novos funcionários pertencentes a minorias, mas também falando dos investimentos em fundos de combate ao preconceito.

Em síntese, apenas pesquisando na internet é possível encontrar uma variedade de comerciais e empresas que falam sobre temas envolvendo a diversidade. E, dentre todas as comunicações disseminadas, uma que rodou o mundo e emocionou muitas pessoas foi a propaganda da J&B veiculada no Natal de 2022. Esta empresa é espanhola e voltada para o mercado de bebidas alcoólicas. É essencial saber isso porque o comercial trabalha, justamente, a importância de estar junto da família, com respeito e compreensão, ao mesmo tempo que apresenta o álcool presente nesses momentos de comemoração e felicidade. Porém, a marca em si aparece de maneira muito discreta, deixando o foco do comercial para a relação entre avô e sua neta Ana, que é apresentada como uma mu-

mulher trans no processo de construção de uma identidade.

Em pouco mais de três minutos, essa propaganda posiciona a empresa e seu brand, além de fazer com que haja uma reflexão muito profunda dos espectadores sobre a importância de tratar as pessoas trans de acordo com a identidade que elas próprias se enxergam. Ao veicular isso numa peça publicitária, a empresa demonstra não só como entende a questão, mas também seu apoio para a causa, dando visibilidade e incentivo para essa parcela de pessoas, que ainda sofrem muito na sociedade atual.

Com cerca de 2% da população se apresentando como transsexuais, segundo o IBDFAM (Instituto Brasileiro de Direito da Família), o Brasil ainda carece muito de dados, pesquisas e políticas voltadas para esse público. Em um levantamento realizado pela ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), só em 2022, 131 pessoas trans foram assassinadas e outras 20 tiraram a própria vida, colocando assim o país como aquele que mais mata trans do mundo. Essa intolerância se reflete no mercado de trabalho, segundo pesquisa da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), em 2020 apenas 13,9% das mulheres trans e travestis diziam estar em empregos formais, ou seja, cerca de 86% do grupo estava algum tipo de serviço precário, sendo que, majoritariamente, a prostituição era a principal ocupação relatada.

Mesmo que infelizes, os dados apresentados são relevantes para pautar discussões e embasar argumentos, mostrando como as organizações precisam sim se posicionar sobre a causa a fim de criarem impacto sobre a sociedade.

Olhar para a comunidade trans deve ser um trabalho feito de maneira muito

delicada e sensível, visto que são um grupo que ultrapassam muitos obstáculos ao longo da vida com relação à aceitação e construção da própria identidade. Além disso, essas pessoas enfrentam o preconceito e a violência diariamente simplesmente por exporem seus corpos, uma vez que, diferente da maioria das outras letras (LGBTQIA+), a transgeneridade envolve questões físicas. E, por conta de toda essa discriminação cotidiana, são os que mais acabam sendo expropriados dos lugares, como apontado pelo relatório da ANTRA, cerca de 70% não chegam a completar o ensino médio e apenas 0,02% estão nas universidades.

Essas pessoas, por não seguirem o padrão que é privilegiado pela sociedade, acabam tendo várias portas fechadas, ou seja, exclusão de oportunidades, principalmente no que diz respeito à esfera do trabalho. Algo que muito se escuta a comunidade trans dizer é, justamente, a questão da desinformação da população, bem como a falta de chances para mostrarem suas qualidades, habilidades e aptidões.



Por exemplo, ainda é algo recorrente em entrevistas de emprego não usarem os pronomes corretos informados pela pessoa no cadastro, ou usam o nome “morto”- o qual se refere ao nome que consta no registro

de nascimento e, em maioria, é descartado após se assumir a transição de gênero - para se referir ao aplicante da vaga.

Desse modo, mostra-se a importância das organizações mostrarem nas suas propagandas a multiplicidade de seres humanos que existem, além de realizarem ações exclusivamente para aqueles que são marginalizados, a fim de proporcionar maiores chances para eles.

Quem está nas ruas, nas casas, nos transportes, nas filas, nas escolas, enfim, em todos os lugares, percebe uma variedade infindável de pessoas. E esse é um dos motivos do porquê a representatividade importa. Não apenas pela simples encenação, mas por uma inclusão que simboliza como o mundo é mais plural do que aquilo que apenas se via num passado ilusório que não faz mais sentido hoje. Busca-se uma representatividade digna. O objetivo não é ter processos seletivos “especiais” para as minorias ou uma “lacração” com propagandas. Mas, sim, entender que é importante que tudo que está acontecendo seja comunicado e que as empresas passem por isso também. São pequenos passos para se chegar em transformações mais significativas.

O ponto fundamental da reflexão é: primeiro se ver, para depois se enxergar, podendo finalmente se reconhecer e então representar.

podem os "velhinhos" trabalhar?

texto por
**DANIEL
FERNÁNDEZ**
e
LUANA DIAS

O Brasil é um país que passa por um intenso e rápido processo de envelhecimento populacional. Segundo a Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz (2020), em 1950 cerca de 2,6 milhões de brasileiros estavam acima dos 60 anos de idade, o que representava 4,9% do total da população; em 2020, esse número passou para 29,9 milhões (14% da população) e, de acordo com estatísticas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), o Brasil alcançará a marca de 28,2 milhões de idosos em todo o seu território, cerca de 15,6% do total populacional, até o ano de 2100.

Números como estes refletem o aumento da expectativa de vida no país que, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2019, já havia passado da média dos 76 anos de idade. Com cada vez mais idosos e uma maior expectativa de vida entre essa parcela populacional, é natural que, cada vez mais, pessoas acima dos 60 anos passem a frequentar espaços antes tidos como incomuns, como espaços de lazer, o meio acadêmico e, claro, mercado de trabalho.

No filme *Um senhor estagiário*, de 2015, dirigido por Nancy Meyers, que tem o etarismo como foco principal. Um homem aposentado, interpretado

por Robert de Niro, começa a estagiar em uma startup de roupa para dar um sentido à sua vida e cobrir as horas do dia com algo para fazer. A imersão de Ben Whittaker na companhia permite aos espectadores comprovar como as diferenças geracionais entre trabalhadores acabam criando diferentes formas de violência com as pessoas idosas.



O filme começa quando o protagonista decide se candidatar para o estágio depois da morte da sua esposa, como forma de dar-lhe um sentido à sua nova realidade: a solidão. O filme traz aqui a questão do abandono das pessoas aposentadas, que têm que procurar novas formas de entretenimento para se manterem física e mentalmente saudáveis. Aposentado, viúvo, e após tentar vários tipos de atividades, Ben decide retomar sua vida laboral ao encontrar um anúncio na rua de um “estágio sênior”. Dessa vez, terá que trabalhar em um ambiente que não

conhece e que vai reagir à sua presença.

A tecnologia é a primeira barreira de entrada que o Ben encontra. Para se candidatar, tem que baixar um aplicativo, fazer um vídeo se apresentando e subi-lo em uma rede social. “Não sei se vou ser capaz”, pensa ele. Esse momento antecipa o que vai ser encontrado na empresa: um clima de fortes estereótipos relacionados com sua idade, “tais como a obsolescência, a resistência à mudança, inabilidade e insuficiência para lidar com novas tecnologias” (LOTH et NEREIDA, 2014). A capacidade de Whittaker para se adaptar a um novo contexto marcado por tecnologias que ele não domina está sempre em questão. Inclusive, seu anterior trabalho confeccionando guias telefônicas (de pouca utilidade hoje em dia) é visto pelos colegas da empresa como algo de museu, que marca essa mudança de época.

Segundo dados da pesquisa “O mercado de Trabalho para profissionais 40+” realizada pelo Infojobs (com mais 4.580 profissionais) em maio de 2021, cerca de 61% dos participantes com mais de 40 anos, mencionaram que é um desafio encontrar empresas que contratem pessoas nessa faixa etária e idosos, e 78% relataram que o mercado de trabalho é desigual e não oferece as mesmas oportunidades entre diferentes gerações. O preconceito etário, conhecido como etarismo, nos processos seletivos foi mencionado por 70,4% dos entrevistados (SÓLIDES, 2022). Por mais que seja evidente em diversos ambientes, como o mercado de trabalho, o etarismo ainda é uma realidade pouco discutida no país.

Voltando para o filme, algumas pessoas se mostram incrédulas quando o Ben consegue se integrar pouco a pouco no ambiente de trabalho, algo que não surpreende ao

espectador. “É conhecido como “Mr. Simpatia”, é muito popular e todo o mundo gosta dele”, comenta um colega ao respeito com certa ironia. Até quando a pessoa idosa logra ajudar nos objetivos da companhia e se integra, rompendo com esses preconceitos iniciais, surpreende, porque não se espera que o faça tão rápido ou que o acabe conseguindo. Além disso, influi também a visão paternalista que se acaba criando sobre as pessoas idosas: a maioria dos colegas sente carinho e inclusive empatia pelo recém-chegado, mas muitas vezes desde a ótica de quem não quer pressionar ao que considera incapaz. Porém, o bom desempenho do protagonista vai jogando por terra essas visões, incluindo a da própria fundadora da startup.

Por último, o filme traz uma visão otimista sobre a integração de uma pessoa aposentada em um ambiente laboral jovem. Whittaker consegue superar o clima adverso que encontra graças às qualidades que consegue apresentar, como experiência ou resolução de conflitos, e a capacidade que tem para trabalhar em equipe.

Além disso, Infelizmente, assim como mostrado no filme, grupos de mais idade não têm as mesmas oportunidades de emprego que as gerações mais novas, fator este que incentiva a busca por novos meios de qualificação e reposicionamento no mercado, como cursos de aprimoramento e, até mesmo, graduações completas. De acordo com o Censo da Educação Superior, do Ministério da Educação (MEC), em 2021, foram 599.977 alunos, na faixa etária dos 40 anos para cima, ingressantes em universidades em todo o Brasil (G1 - DISTRITO FEDERAL, 2023), já em relação aos idosos, o número de matrículas aumentou de 28 mil em 2015 para quase 200 mil em 2021, aumento de 170% (BALANÇO GERAL - MINAS

GERAIS, 2023). Apesar do aumento significativo de idosos cursando o ensino superior, o preconceito etário ainda se faz presente no ambiente universitário e em diversos escritórios pelo mundo.

Aliás, a história faz uma crítica à hipocrisia de algumas novas empresas que se esforçam por mostrar ao mundo seus supostos valores progressistas e inclusivos, mas que na realidade acabam reproduzindo sistemas de opressão sobre certos coletivos de pessoas sem sequer reparar nisso. O caso do protagonista é o de uma pessoa que aceita o estágio como uma forma de não se sentir sozinho, mas cabe nos perguntarmos os efeitos que poderia ter essa discriminação sobre uma pessoa de avançada idade que realmente dependesse economicamente desse emprego. Quais seriam as consequências sobre a saúde dessa pessoa e quais mecanismos teria para se proteger?

Em definitivo, um senhor estagiário permite refletir sobre como o marcador da idade é determinante no acesso ao mercado de trabalho e acaba condicionando as relações laborais.

Diante desse cenário, fica evidente a necessidade de abordar o etarismo nos diversos ambientes e relações nas quais este tipo de preconceito se faz presente, sobretudo, nos ambientes de trabalho, espaço que cada vez mais recebe idosos. Valendo-se do caso protagonizado, é pertinente investigar as principais barreiras para aceitação da diversidade etária nas empresas e ambientes corporativos em todo o mundo.

charge por **CAIO GOMEZ**



desafios da inclusão e diversidade

oportunidades e desafios de transformação do mercado de trabalho brasileiro

texto por

**JULIA TRINDADE PERES,
NATÁLIA CÂMARA DE SOUZA BRITO,
LUDMILLA SOUZA,
NATHALIA BARREIRA e
VINÍCIUS CASIMIRO DE ALMEIDA**

fotos por ADOBESTOCK



Segundo uma prévia do Censo Demográfico de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), somos 207.750.291 brasileiros. Desses, 51,1% são mulheres e 48,9% são homens. No entanto, em 2019, a taxa de participação no mercado de trabalho das pessoas com idade para trabalhar era de 54,5% entre mulheres e de 73,7% entre homens.

No que diz respeito à raça, segundo o IBGE, 56,1% de brasileiros se declaram pretos ou pardos. No segundo trimestre de 2018, a taxa de desemprego no país era de 12,4%, mas ao olhar somente para a população branca, esse número era de 9,9%. Quem puxou esses números para cima? Pretos e pardos, indica o estudo, cujo desemprego atinge 15% e 14,4%, respectivamente.

Dos mais de 200 milhões de brasileiros, há contabilizadas 46 milhões de pessoas com algum grau de dificuldade visual, motora, auditiva ou intelectual. Os que têm grande ou total dificuldade, ou seja, pessoas com deficiência, somam 12,5 milhões de brasileiros.

A taxa de participação no mercado de trabalho entre essa população é de 23,8%, e de formalização, 34,3%. Entre as pessoas sem deficiência, esses números são, respectivamente, 66,3% e 50,9%. A taxa de formalização representa aquela população economicamente ativa com carteira de trabalho assinada, e corresponde a 59,9% entre os brasileiros. Para as mulheres trans e travestis do Brasil, esse número é um cruel 13,9%.

Essas estatísticas indicam que há algo errado no mercado de trabalho brasileiro. A diversidade, no momento, é, provavelmente, um slogan para uso publicitário, algo que impressiona na foto ou alguma publicação voltada às redes sociais. Dentro dos cubículos das empresas e instituições, existe um predomínio desproporcional de determinados biotipos.

As disparidades alarmantes no mercado de trabalho brasileiro evidenciam a necessidade de políticas e ações efetivas para promover a inclusão e a diversidade. Iniciativas como a Lei 8.213/1991, que trata da in-

clusão e a diversidade. Iniciativas como a Lei 8.213/1991, que trata da inclusão de pessoas com deficiência, e a Lei 12.288/2010, que institui o Estatuto da Igualdade Racial, são importantes instrumentos legais para garantir direitos e oportunidades igualitárias. No entanto, é preciso ir além e implementar ações concretas para combater a discriminação e criar ambientes de trabalho mais inclusivos e acolhedores para todos os grupos.

Dessa maneira, uma das formas de promover a mudança é por meio da conscientização e da educação. É fundamental que as empresas invistam em programas de treinamento e sensibilização, abordando temas como diversidade, equidade e inclusão. Essas ações podem incluir workshops, palestras e atividades interativas que visam desconstruir estereótipos, promover o respeito mútuo e aumentar a compreensão das diferenças. Ao fornecer conhecimento e ferramentas para lidar com questões de discriminação, as organizações capacitam seus colaboradores a agirem de forma mais inclusiva e a enfrentarem os desafios que surgem nesse contexto.

Além disso, é necessário estabelecer políticas e práticas inclusivas em todas as áreas de atuação. Isso inclui a criação de comitês ou grupos de trabalho dedicados à diversidade e à inclusão, com representantes de diferentes grupos dentro da organização. Essas equipes podem ser responsáveis por monitorar e avaliar ações, propor medidas para promover a igualdade de oportunidades e garantir a implementação de políticas efetivas. Ao adotar uma abordagem estratégica e sistemática, as empresas demonstram um compromisso real com a diversidade e criam uma cultura organizacional mais inclusiva, que valoriza e respeita a todos os seus colaboradores.

Ao reunir pessoas com experiências, conhecimentos e perspectivas diversas, as organizações se tornam mais capazes de gerar ideias inovadoras e encontrar soluções criativas para os desafios do mercado. A presença de diferentes pontos de vista estimula o pensamento crítico e o debate construtivo, impulsionando o processo de tomada de decisões e levando a resultados mais eficazes. Além disso, Daan van Knippenberg e Michaéla Schippers, estudiosos da área da administração, mostraram que empresas com maior diversidade observam um aumento de 19% nas receitas provenientes de inovação, demonstrando o impacto direto dessa abordagem inclusiva na performance e no sucesso empresarial.

Outro benefício importante é a satisfação e o desempenho no trabalho. Quando os colaboradores se sentem valorizados, e sobretudo, representados e respeitados, há um aumento significativo no engajamento e na produtividade. Um relatório da Forrester revelou que o senso de pertencimento no trabalho resulta em um aumento de 56% no desempenho dos colaboradores. A sensação de fazer parte de uma equipe diversificada e inclusiva promove a satisfação pessoal, o que se reflete em um ambiente de trabalho mais positivo e produtivo. Além disso, 91% dos funcionários que se sentem pertencentes estão engajados em comparação com apenas 20% daqueles que não experimentam esse sentimento de pertencimento. Portanto, investir em diversidade não apenas melhora a qualidade de vida dos colaboradores, mas também impulsiona o desempenho geral da equipe e, conseqüentemente, o sucesso da empresa.

Ao olhar as estatísticas, o mercado de trabalho pode parecer ainda cinza, mas é certo que podemos vislumbrar um fu-

turo com mais cores. Isso porque, em 2022, o número de ofertas de emprego com foco em diversidade (contratação de mulheres, pessoas negras, LGBTQIAPN+ e pessoas com deficiência) cresceu 33,2%. Outro levantamento, feito pela empresa de recrutamento Gupy, revela que nos últimos 12 meses foram publicadas mais de 1.400 vagas afirmativas na plataforma. Esse é um crescimento digno de ser celebrado, já que, entre 2020 e 2021, esse número era apenas 20.

E falando de mercado, como não acompanhar o movimento da maior rede profissional do mundo? O LinkedIn, que em 2022 retirou do ar vagas de emprego afirmativas por, de acordo com a plataforma, demonstrarem preferência por profissionais com determinadas características, não só voltou atrás com a decisão como atualizou a política global de anúncio de vagas. A tendência de criação de vagas afirmativas reflete uma conscientização crescente sobre a importância de reconhecer e superar as barreiras que impedem certos grupos de acessar oportunidades profissionais.

Plataformas voltadas à empregabilidade de minorias também têm ganhado e dado voz a esse movimento, como a Transempregos, Diversa Jobs e iigual. Nesses espaços, o processo de recrutamento e seleção tem se tornado muito mais diverso e inclusivo. Hoje, grandes empresas estão dentro dessas plataformas e abrem espaço para um público que, há alguns anos, nem era considerado no mercado. Aos poucos, diversos atores, de diversos espaços, vêm construindo um caminho ainda mais diverso, em uma estrada que já foi muito mais excludente e cruel.

viver mumbucar e sound up brasil:

*amplificando vozes &
transformando a escuta*

texto por **STELA NESRINE MEDRADO ALVES**
e **DANILO RESTAINO FREIRE**
fotos por ACERVO PESSOAL

Segundo dados estimados pelo IBOPE o Brasil possui mais de 34 milhões de pessoas que escutam podcasts, ficando em 5º lugar no ranking mundial de países com mais ouvintes.



Parte deste sucesso reside no formato que permite ouvir os programas durante a realização de outras tarefas ou mesmos como opção de descanso longe das telas. Outra parte está na possibilidade de encontrar diversidade de temas e modelos maior do que em outros meios de comunicação

tradicionais e dominados por grandes empresas.

A plataforma mais utilizada para escutar podcasts no Brasil é o serviço de streaming lançado em 2008 e sediado na Suécia, *Spotify*. Em 2018 foi lançado pela empresa o programa Sound Up com a intenção de diversificar vozes na podosfera (assim chamado o universo formado pelo conjunto de podcasts). Atualmente o site da empresa indica que a iniciativa está em 12 mercados (Japão, Itália, Estados Unidos, América Latina, Índia, México, Austrália, Suécia, Reino Unido, Alemanha, Brasil e Argentina).

O programa seleciona 10 criadores de algum grupo sub representado, a depender do recorte feito no país - no caso brasileiro são jovens negros e indígenas - para participar de uma imersão educacional e criativa, aprimorando as narrativas e obtendo experiência com a produção de áudio. Também é oferecido apoio material com equipamentos e a possibilidade de passar a incorporar a grade do Spotify Originals.

A primeira edição do Sound Up Brasil lançou os podcasts: Calunguinha, Preto Positivo, Pavulagem, Raízes, Viver Mu-

-mbucar e o Zumbir (esse ainda em fase de produção). Recomendamos fortemente que você dê play nessas produções!

Para conhecermos um pouco mais sobre o Sound Up e os impactos do programa na vida dos participantes, entrevistamos a Núbia Matos: uma jovem quilombola, primeira estudante de jornalismo do quilombo Mumbuca (Jalapão-TO) e uma das integrantes e vencedoras da primeira edição do SoundUp Brasil (2020). Comprometida em valorizar e ecoar os saberes e as vozes do seu quilombo, Núbia idealizou e produziu o Viver Mumbucar: um podcast narrativo gestado a partir da vontade de publicizar a diversidade de sons e o que eles representam no viver de um povo. Com episódios novos sempre às quartas-feiras, a produção, recém-lançada, contou com o apoio da Griô Podcasts e está disponível nas principais plataformas de streaming de áudio.

A chamada é instigante e faz jus à experiência sonora única de Viver Mumbucar:

“Procuram-se ouvidos poéticos e aguçados capazes de permitirem ser tocados e tocarem o mundo das histórias, sorrisos, assobios, cantos das aves, animais, toque do borá e muito mais. O convite é para que mergulhemos nas sonoridades da cultura do povo da oralidade, povo das palavras vivas.”

Stela e Danilo: Boa noite, Núbia! Tudo bem? Pode contar pra gente como se deu o início do seu contato com podcasts? Já tinha alguma familiaridade com a produção de mídias sonoras antes do Sound Up?

Boa noite, gente. Espero que você esteja bem. Então, eu não tive nenhum contato anterior nem com o podcast, nem com produção de mídias sonoras do Sound Up ou qual-

quer outro tipo de produção de áudio, produções mediáticas, nunca tive familiaridade. Mas assim, eu entrei na universidade, na federal de Tocantins, e tava pesquisando em que formato eu abordaria o que eu abordo hoje no Viver Mumbucar. E o podcast, que me foi apresentado através do Sound Up Brasil, foi o qual eu me familiarizei, porque apesar de eu não ter ainda produzido mídia sonora, podcast ou algo do tipo, mesmo sem ter nenhum contato, eu pertença a um povo que carrega consigo a oralidade, né? Então, assim, de certa forma, a minha relação com áudio, com o ato de falar, com a oralidade, me perpassa já algum tempo.

Stela e Danilo: E esse contato com o formato do podcast que você viveu no Sound Up, teve algum impacto na sua carreira profissional, acadêmica? Sentiu que houveram mudanças na forma como você se coloca e/ou os outros te enxergam nas relações profissionais e nos lugares que têm ocupado nesta área da vida desde então?

Sim! Foi um impacto bem grande. Eu até costumo dizer que existe uma Núbia antes e outra após o SoundUp. Tudo me influenciou, né, referente ao áudio, sobre como captar, como editar e também referente a muitas coisas que o SoundUp proporcionou para além das aulas, né? Conhecer pessoas que hoje fazem parte da trajetória do Viver Mumbucar. Como o Caio (Griô Podcasts), né? E outras pessoas que mesmo não tão próximas contribuem para a trajetória do Viver Mumbucar e da minha carreira, né? E tem essa questão assim, que o Viver Mumbucar, ele aborda um comunicar que hoje está sendo construído na podosfera, né? Eu, como a idealizadora do projeto, sinto que o formato que o projeto traz está sendo construído agora na podosfera. Então de certa forma, querendo ou não, muitas vezes o formato por estar levantando a voz

do quilombo, por mostrar que a nossa perspectiva, a nossa visão de mundo, ela se auto comunica, ela se auto fala. Ela não necessita de pessoas para descrever, ou pessoas pra gente falar e depois explicar o que nós estamos falando, né? Então esse formato é, muitas vezes, desafiador, e é um formato contra colonial.

Stela e Danilo: De que forma você avalia o suporte dado pelo SoundUp no decorrer do programa aos participantes? Das formas de apoio (mentoria, aulas, apoio com materiais, apoio financeiro) qual você considera ter sido a mais importante no seu processo?

O Sound Up, cara, ele foi um dos projetos que eu tive contato que mais assim vi um suporte da experiência que eu tenho. Suporte mesmo, tanto nos formatos de apoio, quanto nas mentorias. Porque muitas vezes, tendo contato com alguns projetos que vinham pro quilombo, eles traziam o formato de oficinas, onde vinha palestrante que fala, fala, fala e muitas vezes aquilo ficava somente nas palavras e agente adquirir o conhecimento, mas não tinha algo palpável para fazer com aquilo que a gente aprendeu fosse mesmo executado e tivesse seu devido efeito. Muitas vezes a gente ficava só no pensamento e nada no prático e o Sound Up veio construindo esse formato, me apresentou esse formato da gente tanto aprender na mentoria, ter o objeto físico que trouxe um pouco de autonomia, né? Assim você consegue e esse material que eu tô te dando é para isso, pra você conseguir construir. É isso que o Sound Up proporcionou. E isso foi muito bonito, uma das coisas lindas que eu vi no projeto. E as mentorias, as formas como auxiliavam, como compreendiam essa questão de diferentes povos incluso no projeto, de diferentes tipos de pessoa, de região, de onde estão inseridos.

Então isso faz total diferença quando você executa algo que veio para trazer diversidade e inclusão pra esse espaço de podcast.

Stela e Danilo: Como surgiu a ideia inicial do seu programa? Durante o processo de criação ela passou por transformações? Se sim, como foi esse desenvolvimento?

A ideia inicial surgiu desde minha trajetória mesmo no quilombo, sobre quem sou, quem somos e entender essa dimensão e o que eu quero, qual minha missão aqui nesse mundo, o que que eu vim fazer aqui, se eu to aqui tem um propósito e qual o meu propósito? Quem são os meus que passaram por essa terra? Se a gente for pensar, quem foi que passou por essa terra de arapuera de mumbucana, tipo assim de mumbuca, quem foi que passou? Foram pessoas que construíram sua própria liberdade e essa liberdade hoje eu usufruo, então eu estar aqui é para construir outras liberdades para os meus. Construir liberdade de acesso à mídia, de poder falar quem ele é e de onde ele vem. Muitas das vezes o conhecimento tradicional é condicionado e objetificado. Apesar de agora estar sendo mais mencionado, tanto na academia quanto em diversos espaços, mas muitas vezes ele foi silenciado e muitas vezes as pessoas trazem ele, mas trazem ele num formato que não representa sua essência, então eu venho com essa missão. O projeto inicial surgiu disso, surgiu da ideia de comunicarmos o que temos a confluenciar com o mundo. Saiu disso a ideia, ela passou por transformações, no sentido de como apresentar, como passar isso para as outras pessoas compreenderem, mas não modificou sua essência.

Stela e Danilo: Você seguiu ou tem planos de seguir trabalhando com áudio após passar pelo SoundUp? Se sim, de que forma? Se não, pode

contar um pouco sobre os caminhos profissionais que tem projetado?

Sim, eu pretendo seguir com áudio, estou seguindo na verdade, acabou de lançar o Viver Mumbucar e eu pretendo fortalecer o podcast que eu acredito que será ponte para muitas outras comunidades quilombolas, para muitos outros jovens quilombolas, para construir no espaço midiático esse nosso formato comunicacional que é o formato dos quilombos. Pretendo sim continuar com projetos referente a áudio.

Stela e Danilo: Você mantém contato com os outros integrantes de sua edição? Foi possível criar, em algum nível, uma rede de troca (de informações, trabalho etc.) com a galera?

Mantenho contato com os outros integrantes da minha edição. Inclusive um dos integrantes que eu tenho bastante admiração, o Caio Santos da Produtora Griô. É minha produtora, é produtora do Viver Mumbucar e é um dos braços fortes do Viver Mumbucar, que possibilitou a chegada do Viver Mumbucar nas plataformas. Venho sim construindo redes de troca com algumas pessoas do grupo da edição e a gente de passo a passo vem construindo essa força de estar conversando, aconselhando e vendo possibilidades de acrescentar um na vida do outro.

Stela e Danilo: Queremos saber um pouco sobre a resposta/reação da sociedade e das comunidades em que está inserido ao seu projeto. De modo geral, pode nos contar sobre alguns feedbacks, relatos, críticas ou elogios que tenha recebido sobre o seu programa?

Teve um caso de uma criança que a mãe me mandou mensagem aqui pelo WhatsApp informando que ela ficou muito emocionada e chorou bastante com orgulho do lugar de onde os pais nasceram e pertence. Eles moram na cidade e ela ouviu o episódio na cidade.

O tocar uma criança e uma das gerações do amanhã do quilombo é uma das melhores avaliações. Ela sentir pertencimento e se reconhecer no modo de viver de mumbuca, se encontrar pelas ondas sonoras de lá, construindo no agora uma geração do viver Mumbucar ainda mais forte no futuro, assim como os meus me conduziu a acreditar em quem somos, em quem sou. Não há coisa melhor quando você tem uma identidade e uma raiz em terra profunda... Tô muito emocionada. Em algumas mensagens recebidas no Spotify também, tem pessoas dizendo que foi tocado na alma... isso é forte e impactante...

[...] O Viver Mumbucar valoriza o sentir o conectar e o abraçar de almas que apesar de estarem em diferentes espaços sabe o valor de se viver...

muito mais do que **APENAS UM TOKEN**

com sonoridade mais leve, o baiano Hiran entra em nova fase de sua carreira querendo ser visto para além de suas identidades



texto por **LÍVIAN ALVES, PEDRO FUINI e RODRIGO JUQUERY**
foto por GAMA REVISTA

Com mais de 100 mil ouvintes mensais no Spotify, Hiran se firma como uma das vozes queer em ascensão na música independente. Natural de Alagoinhas, interior da Bahia, o rapper sempre destacou suas identidades – nordestino, negro e gay – como potência para enfrentar os obstáculos que são colocados diante de quem as carrega. A questão fica evidente em seu EP História (2020), que contou com a participação de nomes como Margareth Menezes, Linn da Quebrada e Wendel.

Mas Hiran também quer ser visto para além de suas identidades. Ele acaba de lançar seu terceiro álbum, Jaqueira. Se nos trabalhos anteriores, Galinheiro (2020) e Tem Mana no Rap (2018) o artista apostava em batidas potentes, ele entra agora em uma nova fase, mais sensível e reflexiva, remetendo à natureza.

“Eu precisava me dar o direito de experimentar outras sensações de forma livre e real, sem me cobrar tanto”, afirma.”

Tokenismo

O incômodo de Hiran, que lutou para garantir espaço numa cena musical heteronormativa e em grande parte dominada por pessoas brancas, traz a tona a discussão sobre tokenismo. Trata-se da prática de incluir uma única pessoa ou um pequeno número de pessoas que fazem parte de alguma minoria de forma superficial e puramente simbólica, para “cumprir cota” e dar uma falsa impressão de diversidade.

“Hoje em dia eu sinto que eu quero que minha presença nos lugares seja normalizada para além disso. Vai ter hora que o que incomoda no sistema todo vai ser o norte do trabalho, mas isso não é tudo que eu sinto e não poder expor isso em mim é um processo interno muito cruel”.

A declaração de Hiran mostra como o tokenismo gera uma pressão sobre a pessoa ou pessoas que são “tokens”, pois elas podem ser vistas como representantes de todo o grupo e en-



-frentar expectativas irrealistas ou serem submetidas sempre aos mesmos estereótipos.

O novo trabalho de Hiran, *Jaqueira*, tem 9 faixas e está disponível nas principais plataformas de streaming. Conta com a participação de Ivete Sangalo, Mally e Colibri. A seguir você confere o papo que batemos com ele sobre a questão do tokenismo e sobre essa nova fase de sua carreira!

Como foi para você fazer essa espécie de transição na exposição de pautas identitárias, por exemplo, em relação a recepção da mídia, imprensa, festivais? Você encarou como um desafio esse furar da bolha, ou foi um processo tranquilo?

HIRAN: Eu sinto que foi um processo de me desligar das expectativas externas e me conectar com o que eu tava sentindo dentro do meu coração. Eu precisava me dar o direito de experimentar outras sensações de forma livre e real, sem me cobrar tanto. Eu meio que isolei o contexto do meu processo e eu sou muito feliz de ter tomado essa escolha sem pensar muito nas consequências ou no peso que isso ia ter, mesmo sabendo que não era o que se esperava de mim.

*A gente consegue sentir que o *Jaqueira* é um trabalho rico em conexão, sua com as letras, com o período em que foi produzido e com as*

peças que estão ali inseridas, ou seja, muita identidade envolvida! Foi um trabalho que te ajudou a entender também como sua arte e sua identidade se relacionam?

HIRAN: Sim! Eu percebi que quem eu sou artisticamente vai muito além do que eu projetei no meu primeiro trabalho ou do que projetaram de mim a partir dele. Me dar o direito de explorar e brincar com outras partes do meu eu pessoal fez a minha arte enriquecer muito e eu hoje me sinto mais completo.

Em um cenário onde a representatividade é importante, mas o tokenismo é uma preocupação, como você equilibra expressar suas identidades e experiências de forma autêntica sem se sentir pressionado a representar toda uma comunidade? Como você lida com as expectativas e as possíveis projeções que podem surgir nesse contexto?

HIRAN: Hoje em dia eu sinto que eu quero que minha presença nos lugares seja normalizada para além disso. Vai ter hora que o que incomoda no sistema todo vai ser o norte do trabalho mas isso não é tudo que eu sinto e não poder expor isso em mim é um processo interno muito cruel. Eu me libertei disso.

Você tem prospecções de continuidade desse trabalho? Está no

adar, por exemplo, trazer outras nuances dessas construções de identidade?

HIRAN: Eu deixo a onda me levar e sinto que o que eu sentir vai me guiar e guiar minhas percepções artísticas e nuances. Não guio mais meu trabalho nessas expectativas. Eu só quero poder falar de tudo que me atravessa e poder florescer nisso.



[Ouça Jaqueira no Spotify.](#)



REPORTAGEM

texto por **INAIÁ ROSSI SILVA, KARINA PEREIRA, LORENA BALBINO LISBOA, SILAS NUNES FERREIRA e WELINGTON AP. FERREIRA PEREIRA**

fotos por GLOBO

diversidade nas telenovelas

Considerada um dos principais gêneros televisivos, a telenovela é mais que um dos maiores meios de entretenimento da TV brasileira, é um produto cultural que conquistou espaço no cotidiano da sociedade, “tornando-se uma forte influência no comportamento social da população, nos valores, hábitos e linguagem do telespectador” (MOREIRA, 2015). A telenovela se transforma em um fenômeno cultural ao unir dois elementos essenciais: o espetáculo e a realidade. Ela traz às telas experiências, assuntos, vivências e acontecimentos comuns a diferentes setores da sociedade brasileira, envoltos em uma narrativa fantasiosa e dramática regida por emoções fortes. “Os amores são arrebatadores, as mágoas e tristezas são profundas, o ódio é mortal, as alegrias são contagiantes” (DUARTE, 2008). Vale ressaltar, ainda, que:

No Brasil as telenovelas demonstram que o cotidiano acaba sendo incorporado de maneira mais ampla e concreta, no momento em que se fazem abordagem sobre: homossexualismo, violência, prostituição, entre outros.



Esse gênero possui grande penetração na sociedade brasileira. As telenovelas são o segundo gênero televisivo mais consumido na TV aberta, ficando atrás apenas dos telejornais. Isso ocorre devido a sua capacidade de produzir um repertório variado de temas, enredos e personagens por meio dos quais pessoas de diferentes classes sociais, ideologias, gerações, sexo, raça e regiões se reconhecem umas as outras (LOPES, 2003). Além disso, é estrategicamente dado às principais telenovelas o horário de exibição em que os trabalhadores estão chegando em casa e querem descansar, se distrair. A televisão é um meio para isso. “O chamado ‘horário nobre’, das 21h, é o clássico, quando toda a família se reúne para assistir à televisão” (MARTINS, 2014).

Por seu caráter popular e alto consumo dentro da sociedade brasileira, as telenovelas são um importante palco para discussão de assuntos de interesse público. Suas tramas costumam estar repletas de personagens que lutam por ideais e que reformam convenções estabelecidas. Apesar disso, o controle sobre essas produções cabe a um grupo seletivo: os detentores dos grandes meios de comunicação. Sendo elas um produto da indústria cultural,

as telenovelas estão sujeitas às prerrogativas de mercado e ao conhecido código moral entranhado na sociedade, acostumada a valores conservadores. A inclusão de temáticas mais progressivas e personagens destoantes do padrão social branco heteronormativo, portanto, ocorreu de forma tardia e gradual. Entretanto, com a abertura da sociedade para discussões acerca de diversidade de gênero, raça e sexualidade, essas temáticas passaram a se tornar mais frequentes também nas telinhas, abrindo um leque de novas possibilidades, temáticas e personagens nas telenovelas.

Com a emergência desse novo paradigma de entretenimento, as telenovelas brasileiras começam a assumir uma função de destaque na representação da sociedade e das dinâmicas de gênero que se desenrolam em um determinado contexto histórico.

Mulheres nas telenovelas

Nos mais relevantes longas anteriores a 2010, como "Vale Tudo", "Mulheres de areia", "Laços de Família" e "A favorita", observam-se personagens femininas frequentemente limitadas a estereótipos de gênero, com um foco excessivo em sua beleza e submissão aos homens ao seu redor.

Tais pontos perpetuavam estereótipos e representações negativas das mulheres, retratando-as como seres frágeis, em sua maioria dependentes de uma figura masculina e cujo objetivo e realização de vida era encontrar um parceiro romântico. Assim, a aparência física era frequentemente enfatizada em detrimento das outras características e talentos, o que criava um padrão estreito de beleza que as mulheres eram incentivadas a buscar, levando a uma pressão excessiva em relação à aparência e a uma valorização desproporcional do aspecto físico.

Outra questão problemática era a idealização da figura feminina como dona de casa, mãe dedicada e única responsável pelas tarefas domésticas como o cuidado dos filhos. Esses estereótipos femininos nas novelas antigas contribuíram para a perpetuação de desigualdades de gênero e limitações do potencial das mulheres como indivíduos autônomos e empoderados.

Com o passar dos anos, o aumento da conscientização em relação à desigualdade de gênero e à presença de modelos televisivos misóginos e machistas em todo o Brasil, levou as novelas contemporâneas a buscar desconstruir os estereótipos anteriormente reforçados, oferecendo representações mais empoderadas e diversificadas das mulheres. Nesse novo contexto, as abordagens giram em torno de questões sociais relevantes para as mulheres, como empoderamento feminino, violência doméstica e igualdade de gênero.



Com essa mudança drástica, a representação da mulher nas novelas atuais desempenha um papel fundamental na desconstrução de estereótipos prejudiciais, trazendo personagens femininas complexas e profundas, oferecendo modelos positivos e possíveis para todas as idades. Em "O Outro Lado do Paraíso", por exemplo, a personagem Clara se torna um símbolo de resistência ao enfrentar o abuso sexual e buscar justiça, o que reflete a preocupação

crescente em explorar temáticas que afetam diretamente a sociedade contemporânea.

A importância dessa “nova forma” de representação também se estende à construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, que ao desafiar estereótipos de gênero oferece uma visão mais abrangente e diversificada, contribuindo para a criação de uma cultura que reconheça a igualdade de oportunidades e o valor das mulheres em todos os aspectos da vida.

Entretanto, apesar das mudanças significativas, é importante reconhecer que as representações das mulheres, ainda que melhoradas, podem sempre progredir. É necessário um esforço contínuo para superar as barreiras que restringem a representação feminina na televisão, ampliando a diversidade de personagens femininas em cor, raça, classe e explorando mais narrativas que transcendam os estereótipos tradicionais.

Pessoas negras nas telenovelas

Por sinal, apenas após mais de 50 anos de história televisiva no Brasil tornou-se possível notar com mais continuidade, mesmo que vagarosamente, uma movimentação acerca da representatividade negra nas telenovelas. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua) de 2021, 43,0% dos brasileiros se declararam como brancos, 47,0% como pardos e 9,1% como pretos. Vale destacar que o conceito negro não é mais retratado para o IBGE sendo a somatória das pessoas que se autodeclaram pretas e pardas desde 1991, no entanto tal definição ainda é propagada midiaticamente. Trazendo esse conceito, é possível constatar que 56% da população se considera negra.

Majoritariamente eram atribuídos aos atores e atrizes negras personagens

como empregados, faxineiros, motoristas, escravos ou bandidos. Com o passar dos anos, a quantidade de atores negros em papéis de maior prestígio tem crescido. Apesar de Xica da Silva ser a mais lembrada personagem protagonista negra, vivida por Taís Araújo no ano de 1994 pela TV Manchete, é importante historicizar que em 1965 Yolanda Braga em “Sua Pele”, da TV Tupi, foi a primeira atriz preta a interpretar uma protagonista em uma telenovela no Brasil. Porém, por muitas vezes nas primeiras décadas desse produto midiático, atores brancos interpretavam papéis de personagens negros, a fim de impedir que estes ocupassem posições de protagonismo, através do que hoje conhecemos como blackface.



Apesar de, por um lado, Ruth de Souza estrear como a primeira mulher negra na TV Globo em 1969, na novela “A Cabana do Pai Tomás”, o mesmo folhetim escalou Sérgio Cardoso, branco, tingido de marrom e com rolhas no nariz para reforçar o biotipo negroide, para dar vida ao escravo Tomás. Outro percalço que a própria Ruth de Souza vivenciou nesta mesma novela foi que seu nome não encabeçava a lista do elenco, mas viria depois dos nomes de atrizes brancas.

Como mencionado, as movimentações com mais continuidade em relação à diversificação e importância dos

personagens escalados para atores negros ocorreram a partir dos anos 2000, com meio século de existência da televisão no Brasil. O protagonismo de Taís Araújo em 2004 e 2009, ao interpretar respectivamente Preta em *Da Cor do Pecado* e Helena em *Viver a Vida* rompeu com o estereótipo de personagens negros como empregados, escravos e motoristas, não pelo ofício em si. Da mesma forma, artistas como Lázaro Ramos, Camila Pitanga, Elisa Lucinda, Cris Vianna, Erika Januza, Sergio Menezes interpretaram personagens como médicos, músicos, empresários e juízes.

Em 2018 a TV Globo recebeu reclamações de ativistas de movimentos negros em relação a novela “*Segundo Sol*”, pois o folhetim era composto majoritariamente por pessoas brancas, sendo que a história se passava na Bahia, que segundo dados de 2017 do IBGE apontam que mais de 80% da população se autodeclara pretos ou pardos. Muitas mudanças ocorreram na emissora, inclusive no núcleo de dramaturgia. Em 2022, por exemplo, por exigência da Globo, o autor Walcyr Carrasco precisou reescrever o perfil da protagonista da novela *Terra e Paixão* para que fosse uma mulher preta.

Lucy Alvez, Sheron Menezes, Paulo Lessa, Samuel de Assis, Diogo Almeida, Levi Assaf, que são artistas negros protagonistas recentes das novelas globais, são contemporâneos de um marco na história da televisão brasileira, no qual as três principais novelas do horário nobre do país possuem protagonistas negros. Vale ressaltar o protagonismo de Lidi Lisboa interpretando Jezabel na novela bíblica, homônima à personagem, exibida pela Record TV em 2019.

Artistas como Chica Xavier, Milton Gonçalves, Neuza Borges, Toni Tornado, Zezé Motta, Léa Garcia,

Jacyra Silva, Haroldo de Oliveira, Isaura Bruno como tantos outros batalharam e batalham por reconhecimento e espaço no cenário artístico nacional.

Diversidade sexual e de gênero nas telenovelas

É notável que a maior parte dos relacionamentos presentes nas telenovelas são heterossexuais, tidos pela sociedade como normativos. No entanto, nos últimos anos, as produções televisivas brasileiras têm incluído cada vez mais personagens da comunidade LGBTQUIAP+.



Essa mudança, apesar de lenta, tem como resultado a retração de uma realidade fora da tida como tradicional, quebrando estereótipos e apresentando as vivências de grupos marginalizados.

Inicialmente, a representação de personagens LGBTQUIAP+ nas novelas brasileiras era marcada por estereótipos, e pelo chamado "gay caricato" (SILVA, 2016). Esses personagens eram muitas vezes retratados de forma exagerada, com características estereotipadas, como trejeitos afeminados e modos extravagantes. Embora tenham sido importantes na visibilidade da comunidade, essas representações também contribuíram para reforçar estigmas e preconceitos. Os personagens LGBTQUIAP+ estereotipados - os tais "gays caricatos" - eram frequentemente utili-

-zados para efeito cômico, reduzindo a complexidade das identidades e experiências dessa comunidade. A abordagem caricatural tendia a reforçar estereótipos negativos, criando uma visão distorcida e limitada do que significa ser LGBTQUIAP+. É possível levantar o questionamento:

“A presença do gay caricato nas novelas, se por um lado contribui, indiretamente, para os conservadores se acostumem com esse estranho (outsider), devido à sua constante exposição no vídeo, por outro lado, reforça que ser homossexual é ser, notadamente, caricato.”

Além disso, essas representações não refletiam a diversidade real da comunidade, ignorando a existência de pessoas LGBTQUIAP+ com diferentes personalidades, aparências e vivências, e reduzindo-as a um único arquétipo, sendo seu desenvolvimento de personagem linear e superficial (RISK, SANTOS, 2021).

Infelizmente, apesar de alguns avanços na representação de personagens LGBTQUIAP+ nas novelas brasileiras, ainda há muito a ser criticado e desaprovado em relação ao cenário atual. Embora tenham surgido algumas narrativas que buscam apresentar personagens mais complexos e livres de estereótipos, a realidade é que essas representações

Jainda são escassas e muitas vezes superficiais - uma clara visão desse cenário é que a maioria dos casais homoafetivos nas tramas da Globo não demonstram afeto do mesmo modo que os heteroafetivos.

Ao analisar a trajetória das novelas brasileiras, é evidente que a abordagem limitada de personagens LGBTQUIAP+ tanto foi influenciada pela relação intolerante da sociedade com o grupo quanto influenciou para que ela permanecesse a mesma. Mesmo quando há a tentativa de representação, é comum vermos personagens LGBTQUIAP+ sendo utilizados como mero instrumento de trama, para chocar o público com o diferente, ou como tentativa de agradar minimamente o público que faz parte da comunidade. Essa abordagem reducionista e superficial desvaloriza a importância da diversidade e perpetua estereótipos prejudiciais.

Além disso, é importante destacar que a representação de personagens LGBTQUIAP+ ainda é minoritária nas novelas brasileiras. A grande maioria das tramas ainda se apoia em relacionamentos heterossexuais, perpetuando a ideia de que a norma é a heterossexualidade, e relegando as demais orientações sexuais e identidades de gênero a uma posição secundária e marginalizada.

A falta de representação adequada nas novelas brasileiras reflete a persistência de preconceitos arraigados e a resistência em abordar a diversidade de forma realista e inclusiva. É preciso uma transformação profunda nesse cenário, para que as narrativas televisivas possam se tornar verdadeiramente representativas da pluralidade de experiências e identidades que existem em nossa sociedade.

Imigração nas telenovelas

Com a estrutura gigantesca e complexa da produção de telenovelas no Brasil, além do forte apelo cultural que faz com que temas sociais sejam trazidos à tona e levados para a reflexão de toda a sociedade brasileira, é muito comum encontrar entre as conversas casuais, de elevador ou de bar, a frase “você viu naquela novela ontem?”. A vantagem, neste caso, é usar o chamado “merchandising social” para discutir temas que precisam de atenção contemporânea - como foi o caso da novela *Órfãos da Terra* (2019), trazendo como principal assunto o refúgio de habitantes da Síria, país em guerra desde 2011.

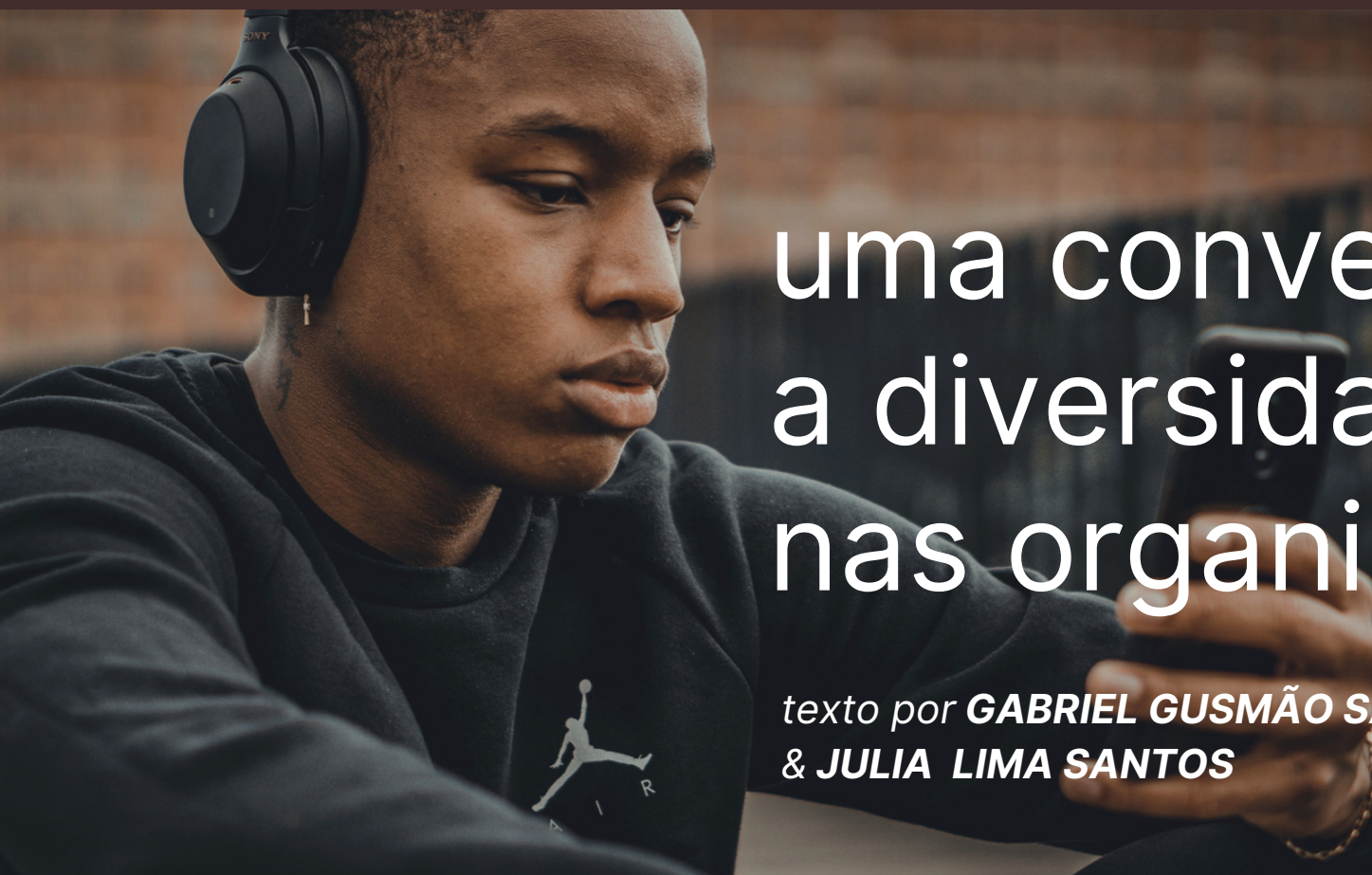
Apesar de refúgio ou asilo político ser um tema pouquíssimo tratado em telenovelas brasileiras, a imigração em si é mais recorrente - especialmente sobre imigrantes europeus, tema bastante explorado durante os anos 90 e 2000, em novelas como *Rei do Gado* (1997), *Terra Nostra* (2000) e *Esperança* (2002). O que elas têm em comum é o olhar do imigrante europeu como personagem-chave, que ajuda a construir a identidade brasileira. Em outras novelas com o tema, há diferentes visibilidades, como em *Sol Nascente* (2016), fortemente criticada por usar a narrativa central da imigração e cultura japonesas, porém usando personagens caucasianos; e *América* (2005), grande sucesso de Glória Perez, que acompanha a saga de uma brasileira que emigra ilegalmente para os Estados Unidos - com as problemáticas e perigos que isso traz, mas ainda dentro do arco da heroína, tida como determinada e valente.

Por mais que, no Brasil, ao se falar de imigração não se fale sobre preconceito em linhas gerais, pode-se perceber a diferença de pontos de vista narrativos em relação à origem desta imigração - desde falta de



representatividade até o apagamento total, já que ninguém até hoje falou de imigrantes africanos, venezuelanos e bolivianos, porção significativa de populações em cidades grandes como São Paulo. Por outro lado, imigração europeia nos séculos XIX e XX e a imersão de suas culturas nas regiões sul e sudeste é um tema até batido.

Ouçã mais alto



uma conversa sobre a diversidade real nas organizações

texto por **GABRIEL GUSMÃO SANTOS**
& **JULIA LIMA SANTOS**

FOTO: ILIAS CHEBBI

Com o crescente reconhecimento da relevância das pautas de diversidade, equidade e inclusão dentro do universo corporativo é inegável que as organizações, grandes ou pequenas, têm sido compelidas a abordar e agir em relação a estes temas. Contudo, é fundamental uma avaliação crítica do grau de engajamento genuíno dessas empresas nessa trajetória de transformação.

Por um lado, podemos testemunhar discursos e campanhas meramente superficiais, restritas a discursos vazios e destituídos de ações concretas. Enquanto, em outro sentido, existem organizações que realmente se empenham em promover mudanças significativas, e que, mesmo enfrentando desafios, seguem implementando ações e políticas sólidas que promovam e cuidem das relações com esses grupos minorizados.

Seguindo esta linha, uma ação interessante tomada pelo Google foi a criação do “Ouça Mais Alto”, podcast quinzenal sobre diversidade nas organizações, que é apresentado por Melina López, gerente de Produto e Inclusão no Google, e recebe especialistas para discutir a implementação de diversidade, equidade e inclusão no ambiente corporativo.

Disponível no Google Podcast, Youtube, Spotify e outras plataformas de áudio, a 2ª temporada do podcast foi ao ar em maio de 2023 e abre os caminhos para discutir as religiões de matriz africana dentro do mercado de trabalho. Esse primeiro episódio, em relação à primeira temporada, proporciona uma ótima experiência audiovisual, com acústica e roteiro cuidadosamente elaborados, fator que contribui para prender a atenção do público. Ao lado disso, também existe uma preocupação com o uso de recursos para acessibilidade, como transcrições e auto descrições, mostrando uma atenção para que o conteúdo, além de falar sobre inclusão, seja realmente inclusivo.

Ao longo do episódio são ouvidos diferentes convidados, como o Rodney William, antropólogo, autor e Babalorixá, João Aleixo e Talita Coutinho, funcionários do Google e adeptos a religiões afrobrasileiras, o que resulta em discussões produtivas e interessantes que trazem à tona reflexões profundas e falas significativas, provocando o público para agir em relação ao tema.

Partindo da importância de compreender a origem do preconceito com as religiões de matriz africana, a discussão avança para como devemos agir em relação ao tema para possibilitar que exista liberdade religiosa dentro das organizações, permitindo que as pessoas possam existir e resistir dentro daqueles espaços.

E sem grandes spoilers, mas partindo da conclusão que o primeiro passo para fazer essa diferença é ouvir verdadeiramente o outro, recomendamos que ouçam o podcast, tanto a primeira temporada, quando a segunda, que virá para aprofundar a discussão sobre temas sub-representados no mercado de trabalho, como mulheres na tecnologia, combate a gordofobia e outras pautas.

Ouçam mais alto, respeitem e sejam ativos em relação às mudanças que queremos para o mundo.

Não deixe de conferir o podcast na íntegra. Acesse pelo link abaixo:

 [**Ouçam Mais Alto no Spotify**](#)



CONTAÍ

a plataforma interativa que impulsiona o empreendedorismo LGBTQIAPN+

texto por

BEATRIZ MORETTI,
CARLOS MARCELINO,
GLÓRIA CALASANS,
FABRYCIO ROSCHE e
MARIANA REGINA DE OLIVEIRA



A comunidade LGBTQIAPN+ tem conquistado cada vez mais espaço e visibilidade nos últimos anos. A Contaí surge como um ponto de encontro e apoio para empreendedores desses grupos. Com uma proposta inovadora e abrangente, a plataforma oferece diversas formas de contato que visam impulsionar o empreendedorismo e promover a troca de informações, oportunidades e inspiração entre seus membros.

A agência de ideias para a inovação a partir da diversidade, Nhai!, lançou a Contaí Comunidade, uma plataforma interativa voltada para empreendedores LGBTQIAPN+. Essa ferramenta apresenta o formato de uma rede social e tem como objetivo promover a interação entre membros da América Latina. A ferramenta disponibiliza fóruns de discussão e a possibilidade de acompanhar os temas mais relevantes do momento. Além disso, conta com tradutores simultâneos de conteúdo para facilitar a participação de pessoas de diferentes nacionalidades.

De acordo com Raquel Virginia, fundadora e CEO da Nhai! e idealizadora do evento Contaí Summit, a plataforma é uma extensão do evento e tem como propósito transformar os encontros pontuais

em uma experiência diária e acessível. A ideia é criar um ambiente que mostre aos membros que eles não estão sozinhos e que há outras pessoas dispostas a compartilhar desafios, dores e conquistas.

CONTAÍ SUMMIT

O evento foi criado a partir da suposição de que existe uma comunidade significativa de empreendedores LGBTQIAPN+ e que essa poderia construir um ecossistema relevante e impactar o mercado e a economia. Ao longo do primeiro ano do projeto, foram realizados eventos de sucesso, com destaque na mídia e adesão de patrocinadores importantes, como Avon, Ambev, Mercado Livre, Amstel e Santander. A iniciativa também se uniu à AlmapBBDO e a One The Go, para realizar pesquisas inéditas sobre a comunidade empreendedora LGBTQIAPN+.

A pauta LGBTQIAPN+ vem avançando junto às marcas, que estão cada vez mais conscientes da importância de se relacionar com comunidades sensíveis. As empresas estão em processo de entendimento e construção de relações mais sustentáveis e legítimas, interna e externamente. No entanto, ainda



existem desafios a serem superados, como o medo de abordar essas questões por falta de repertório e dificuldade em construir projetos inclusivos. A Nhaí! se propõe a auxiliar nesse processo, ajudando a superar o medo e propor ações efetivas.

A atuação do Contaí e da Nhaí! não se restringe ao Brasil, mas busca estabelecer um vínculo de comunidade com a América Latina. A troca de experiências entre países com culturas diferentes, mas também com pautas em comum, é enriquecedora e pode fortalecer as políticas públicas e o desenvolvimento econômico. A Nhaí! tem se aproximado da ONU e está contribuindo para fortalecer o Brasil como referência no movimento LGBTQIAPN+, exportando ideias sobre como construir.

A Contaí se destaca como uma ferramenta revolucionária para o empreendedorismo LGBTQIAPN+, disponibilizando diversos pontos de contato que abrangem desde a conexão com investidores e empresas até a troca de conhecimentos e oportunidades. Com sua proposta inovadora, ela tem o potencial de impulsionar negócios, fortalecer a comunidade e criar um ambiente favorável para o cresimen-

to de seus membros. Com a plataforma, o empreendedorismo e a representatividade ganham um novo espaço de destaque.

A próxima edição do Contaí está prevista para o dia 03 de julho, na Unibes Cultural, com enfoque em incluir todas as letras da sigla, em celebração ao mês do orgulho.

texto por **PAULO ROBERTO RIBEIRO**
imagens por GERT ALTMANN e FREEPIK

linguagem que não fere: mais que um dever, é um direito

Tomando-se a linguagem como uma faculdade humana que nos permite estabelecer relações e interações com o mundo, pertencente ao domínio individual e social, é natural que ela também seja veículo de julgamentos e posicionamentos político-ideológicos presentes em nossa sociedade.

Nesse sentido, dadas as discussões contemporâneas acerca da inclusão de minorias historicamente subjugadas e/ou estigmatizadas nas diversas esferas sociais, urge a busca por meios que procuram coibir ou, ao menos, reduzir a perpetuação de estereótipos e preconceitos disseminados por meio da linguagem. E essa questão não pode estar apenas nas bandeiras dos que se sentem agredidos ou vitimizados: trata-se de algo que envolve todos os agentes da sociedade.

Uma das formas encontradas por determinados grupos sociais foi a adoção de estruturas linguísticas que não demarcassem a noção de gênero. Ainda que a noção de gênero linguístico não seja universal ou presente em todas as línguas do mundo, é frequente haver alguma identificação semântica com o sexo biológico para diversos termos presentes nos idiomas, especialmente naqueles de origem indo-europeia.

Entretanto, essa relação gênero/sexo biológico não é suficiente para categorizar a noção de gênero nas línguas, principalmente em relação a nomes e características de seres inanimados. Na língua portuguesa, por

exemplo, estima-se que aproximadamente apenas 5 a 7% dos vocábulos possuem alguma relação gênero/sexo biológico.

Dentre as formas utilizadas mais comuns para a neutralização de gênero em língua portuguesa, destacam-se o uso das letras “e” e “x” ou, ainda, do símbolo “@” para a substituição da letra “o”, essencialmente representativa do gênero masculino, considerado “neutro” em língua portuguesa quando se deseja referir-se aos gêneros masculino e feminino simultaneamente. Embora não haja correspondências exatas entre terminações e marcações de gêneros, é comum associarmos “-a” à noção de gênero feminino, “-o” à noção de masculino e “-e” à noção de quase neutralidade do gênero ou a uma “não marcação de gênero”.

No entanto, esses usos se popularizaram, principalmente, nas redes sociais como Twitter, Facebook, Instagram etc., mas também encontrou campo fértil em instituições (privadas, públicas e do terceiro setor) que viram nessas estruturas linguísticas um mecanismo de alcance comunicativo com diferentes agentes da sociedade, seja por meio de sua adoção em informes oficiais (comunicações internas ou endomarketing, por exemplo), ou no estímulo à busca por recursos linguísticos mais inclusivos, evitando-se indicar gênero masculino ou feminino quando essa demarcação não é fundamental.

É possível notar significativa mudança no comportamento até daqueles que não aderiram, ainda, às intenções de inclusão por meio de gêneros ditos neutros. A exemplo disso, podemos perceber a explícita duplicação de vocativos ou cumprimentos em comunicações escritas e apresentações orais: “Boa noite a todos e boa noite a todas” (e, em alguns casos, “Boa noite a todos, boa noite a todas e boa noite a todes”). Nesse exemplo, ainda que não haja qualquer demarcação de neutralidade, já que ambas as estruturas apresentam marcação de gênero (a primeira masculina, a segunda feminina), evidencia-se o objetivo de incluir, por meio da duplicação, aqueles que, porventura, se identifiquem com um ou com o outro gênero. A título de exemplos, a forma “todes” atenderia àqueles que não se identificam com o gênero masculino, nem o feminino, ou que preferem não se identificar com gênero algum.

Ora, a gramática normativa (conjunto de prescrições de regras que determinam o uso considerado correto da língua escrita e falada) prevê somente duas marcações de gênero possíveis em língua portuguesa: masculino ou feminino. Isso não significa que outras estruturas não venham a ser possíveis de sofrer gramaticalização, processo pelo qual tiveram de passar muitas outras formas que, hoje, são correntes na língua.

A língua portuguesa falada no Brasil, em seu processo de formação, não herdou o gênero neutro presente no latim. Provavelmente, por isso, estima-se que, no português brasileiro, termos escritos e falados na forma masculina tenham assumido a categoria de generalização do gênero, à semelhança de outras línguas latinas, salvo exceções. Infelizmente, isso não tem sido o suficiente para que todos, todas e “todes” se sintam representados e respeitados segundo essas escolhas linguísticas.

Assim, não é possível sabermos, ainda, o que irá se cristalizar e se naturalizar quanto às diferentes formas de marcação de gênero propostas pelos usuários mais afeitos à inclusão por meio da linguagem. Uma das críticas que essas diferentes formas têm encontrado é que elas não possuem respaldo na fala, ou seja, seu uso está disseminado na escrita, mas ainda não encontrou o mesmo número de adeptos na língua falada, por questões próprias da fala, como a necessidade de harmonia vocálica. Em princípio, as estruturas linguísticas mudam graças à fala e somente após sua adesão ocorre a mudança na escrita, de forma lenta e gradual, até que essa mudança seja assimilada e aceita pela norma, como modelo corrente e livre de estigmas. Muitos teóricos defendem que a língua, como parte essencial da linguagem, é um produto social e que precisa de um conjunto de convenções sociais para que seja operada de forma eficaz pelos indivíduos.

Portanto, reconhecemos que a língua é viva, dinâmica e mutável é fundamental para compreendermos, dentro do que o recorte temporal nos permite, os fenômenos de contestação da língua, à semelhança do que ocorre com o uso de gírias, estrangeirismos ou coloquialismos que, em dado momento, são assimilados pela norma padrão e passam a circular até mesmo em estratos mais elitizados de nossa sociedade.

A língua portuguesa, dentre todas as suas possibilidades de uso, permite-nos fazer escolhas socialmente responsáveis e inclusivas, freando aquelas que ferem, menosprezam, subjagam ou estigmatizam. Lançarmos mão dessas escolhas é papel primordial e primeiro passo para uma postura mais acolhedora e humanista em todos os campos de atuação na vida pública.

Mais que um dever de todos, o uso de uma linguagem que não fere é um direito daqueles que estão inseridos na sociedade, mas que são invisibilizados em muitos momentos e situações.

Levarmos isso em consideração é fundamental não apenas no que tange os temas relacionados às questões de gênero, mas também quando tratamos de questões raciais, etárias, da neurodiversidade, de religiões, de capacidades físicas etc. É cada vez mais urgente tomarmos consciência das agressões perpetradas pelos usos da linguagem, não coibindo uma forma ou outra supostamente vitimizadora de um grupo social, e sim deixando de lado aquelas que foram criadas, utilizadas e assimiladas como “convenientes” para os grupos dominantes e que perpetuam décadas ou séculos de submissão daqueles que são violentados diariamente apenas por serem quem são.



Crip Camp

a revolução inclusiva - uma jornada
de empoderamento e liderança

texto por **THAÍS DA COSTA BENTO**

Cena do documentário
Crip Camp: Revolução pela Inclusão'

"Crip Camp: Revolução pela Inclusão" é um documentário lançado em 2020 e produzido pela Higher Ground Productions. Recebeu uma indicação ao Oscar de Melhor Documentário em 2021 e ganhou o prêmio do público no Festival de Sundance de 2020, na categoria "documentário americano". O documentário retrata o Camp Jened, um acampamento para jovens com deficiência que existiu nos Estados Unidos nas décadas de 1950 a 1970. A direção é de James LeBrecht e Nicole Newnham, que também foram participantes do acampamento, proporcionando uma perspectiva pessoal e nostálgica.

Inspirado no Festival de Woodstock, o acampamento Jened acontecia anualmente em Nova Iorque, nas montanhas de Catskills, e compartilhava os mesmos valores inclusivos. Sua singularidade em relação a outros acampamentos para jovens era o fato de ser exclusivamente voltado para pessoas com deficiência.

O que atraía os jovens no acampamento era o tratamento igualitário, independentemente da natureza da deficiência, fosse física ou

intelectual, com diferentes graus de severidade.

A liberdade e independência que eles experimentaram eram especialmente significativas, considerando que muitas pessoas enxergam os indivíduos com deficiência como incapazes de realizar atividades comuns, sem vontades, desejos e preferências próprias. No acampamento Jened, esses jovens tinham a oportunidade de explorar suas habilidades e criar laços com pessoas que entendiam suas dores e dificuldades.

Além de sua importância para os participantes, o acampamento desempenhou um papel revolucionário na história dos direitos das pessoas com deficiência nos Estados Unidos. O acampamento formou líderes do movimento pelos direitos das pessoas com deficiência, e muitos de seus ex-participantes se tornaram ativistas de destaque, como Judith Heumann, que foi Assessora Especial do ex-presidente Barack Obama para assuntos relacionados aos direitos das pessoas com deficiência e Assessora do Banco Mundial para Deficiência e Desenvolvimento. A voz desses ativistas resultou em mudanças signifi-

cativas, incluindo a aprovação da Lei dos Americanos com Deficiências (Americans with Disabilities Act) em 1990.

Em suma, o documentário aborda o acampamento Jened, que, apesar de não ser tão conhecido, teve um grande impacto na luta pelos direitos humanos e na formação de líderes, além de ser extremamente significativo para os jovens que frequentaram o acampamento e desejavam apenas viver como jovens, sem limitações. O empoderamento gerado no acampamento transformou a vida de muitas pessoas, especialmente daqueles que dirigiram o documentário, permitindo retratá-lo a partir de uma perspectiva pessoal, humanizada e saudosa.



*Cena do documentário **Crip Camp: Revolução pela Inclusão***



sense8

texto por **CAMILA CELESTE**

fotos por REPRODUÇÃO NETFLIX



série de ficção científica abraça **múltiplas** culturas, orientações sexuais e identidades de gênero

A série **Sense8**, criada por Lana e Lilly Wachowski, é um exemplo notável de como a diversidade e a inclusão podem ser poderosas ferramentas narrativas para a televisão. Lançada em 2015, a série se destacou por sua abordagem corajosa e inovadora ao explorar uma variedade de temas complexos, entre eles a identidade, sexualidade, cultura e a necessidade de conexão humana.

Desde o início, Sense8 é notável por seu elenco diversificado, representando diferentes origens étnicas, nacionalidades, orientações sexuais e identidades de gênero. Oito personagens principais - os sensates - são ligados mentalmente, formando uma "cluster" interconectada, e cada um deles traz consigo uma perspectiva única e uma história de vida diferente.

A diversidade cultural, religiosa e sexual dos protagonistas é noticiada já nos primeiros episódios. Temos Capheus, um compassivo motorista de van, que vive no Quênia e luta contra problemas financeiros para comprar remédios para a mãe soropositiva. Sun,

economista coreana que luta artes marciais e é vítima de sexismos em um ambiente corporativo dominado por homens. Nomi, uma mulher transexual, lésbica, ativista política e hacker que luta pelos direitos LGBTQIA+ em São Francisco. Kala, farmacêutica indiana de crença hinduísta e prometida a um casamento arranjado. Riley, uma DJ da Islândia que foge para Londres e é assombrada por seu passado. Lito, um ator homossexual que esconde sua sexualidade e é visto como galã. Wolfgang, um chaveiro de Berlim criado em meio ao crime organizado e Will, um policial de Chicago com traumas de infância.

Uma das maiores contribuições de Sense8 é sua capacidade de valorizar grupos marginalizados e apresentá-los como personagens complexos e multifacetados. A série aborda temas como a homossexualidade, transexualidade, identidade racial e cultural de uma maneira autêntica e sem estereótipos simplistas.



um seriado progressista e visionário ao abordar temas sensíveis e complexos com autenticidade

Cada personagem enfrenta desafios únicos, como preconceito, discriminação e falta de aceitação, o que os torna ainda mais identificáveis e empáticos para o público.

Através de uma narrativa complexa e envolvente, a obra da Netflix nos lembra constantemente que todos compartilhamos uma humanidade comum, independentemente das diferenças superficiais que possamos ter. A série celebra a singularidade de cada indivíduo, ao mesmo tempo em que destaca a importância da empatia, compreensão e respeito mútuo. Em um momento em que a luta por igualdade e inclusão é tão relevante, Sense8 se destaca como um seriado progressista e visionário ao abordar temas sensíveis e complexos com autenticidade.

Em suma, a série convida o público a refletir sobre as barreiras que separam as pessoas, nos inspira a reconhecer a importância da diversidade em nossas vidas, a valorizar a singularidade de cada indivíduo e a construir uma sociedade mais inclusiva e justa. Sense8 é um exemplo poderoso de como a televisão pode desempenhar um papel importante na promoção da diversidade e inclusão na cultura popular.

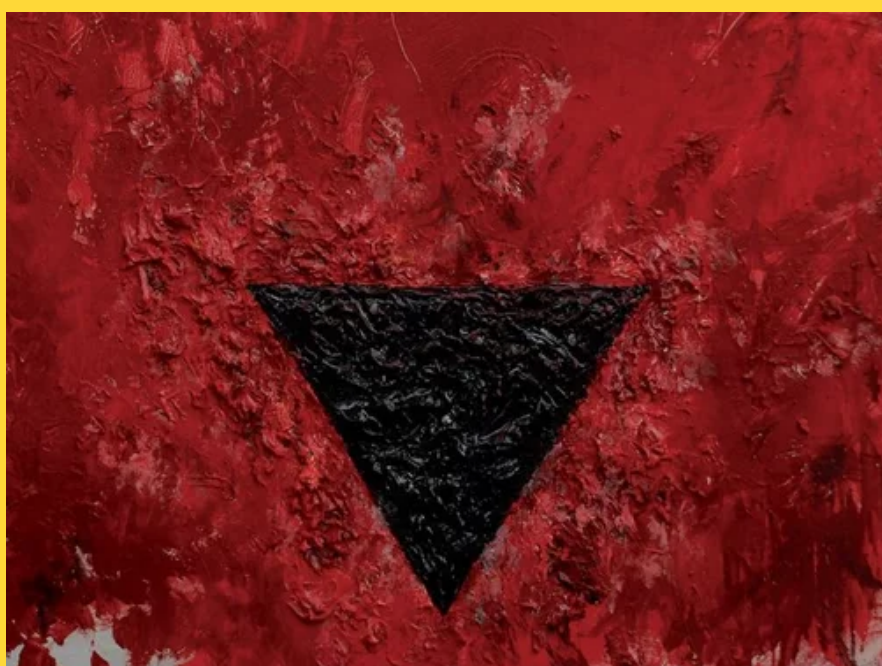




mulher

texto por YASMIN
BENZAKEIN GOUVÊA

as baías



“Vestiu-se de **Josefa Maria** na terceira década do século 20. De pele tão branquinha, sois nêga, São Paulo era Belém, veio seguindo Jesus. **Nordestina**, filha da Paraíba, fez seus filhos nos trilhos da seca paulistana”.

Os versos de *Josefa Maria*, segunda música do álbum **Mulher** do extinto trio musical *As Baías* (antes chamado *As Bahias e a Cozinha Mineira*), já colocam à luz a questão da identidade de gênero sob uma reinterpretação transgressora de uma moral ou história religiosa.

Raquel Virgínia (mulher trans, negra, da periferia), **Assucena** (mulher trans, judia, nordestina) e **Rafael Acerbi** (homem, branco) se conheceram na faculdade de História da Universidade de São Paulo e tornaram possível a publicação de letras brilhantes, em prol da diversidade, cheias de referências, tratando sobre temas muito polêmicos, como a sexualidade da mulher - ou da mulher trans especificamente, - o esquecimento do sertão nordestino e as histórias dos testamentos bíblicos.

“Olhar pela fechadura a abertura do céu. Temer cabôco de beira, mangabeira, Gabriel Cosmopolitano raro, cascalho no espelho do rio Batuca, lavadeira, a água, entre tantos que pariu. Olhos nos olhos de Santa Luzia, gruta bruta, coração, Virgem Maria...” Estes são versos de *Lavadeira Água*, quinta música do álbum.

Com essa constante releitura de personagens para os dias atuais, o álbum segue na toada de enaltecer a vida plural, efervescente e colorida que existe no Brasil, sem deixar de lado a memória da construção da acepção dessa diversidade e da modernidade no país, quiçá, dolorosa.

A visibilidade que o álbum traz vai muito além do que o título sugere, da afirmação dos corpos de mulheres. Dá espaço para todas essas outras sutilezas da complexa realidade brasileira, permeada por ideologias, crenças, culturas e hábitos diversos...

“Essa beleza do karma vivo e morto. Essa beleza do carnaval. Cabra solto, gesto, carne, viva, festa. Na passarela, cobra cega, serpentina. Teu nome invade o poema nesses dias, ousadia, língua quieta sem cantar. Cantarolar idas e vindas desses tempos, no compasso da Bahia, Menininha. Chove na Lapa. Esse peito a céu aberto. Batucada, som de tudo, faz a gente querer bem. Ah, beco me leva pro pouso do sem medo, belo voar. O pandeiro nesse instante é eterno carinho de música. Terra doce, cativante, de Mãe Menininha do Gantois”.

Para terminar aqui, com os versos de Mãe Menininha do Gantois, que antecedem ainda outras duas últimas músicas muito belas de Mulher, fica esse convite ao sorrir para uma das únicas certezas da vida: para toda ação, existe uma reação. O karma de Mulher, também em mãe menininha do Gantois, faz pensar sobre aquilo que pode ser escutado, pensado, apreciado e sentido; e para quem é mais amante da parte instrumental, o álbum também é sonoramente riquíssimo, cativante e envolvente.



ilustrações & poemas

parte 2

curadoria por
VINICIUS ANTUNES CAVALCANTI,
KARINE DE JESUS SOUZA,
ISADORA WEFFORT DE ALMEIDA,
JOÃO PEDRO GODOI DO PRADO

Amanda Miranda

Amanda Miranda é ilustradora e autora de quadrinhos, e “explora o gênero de horror corpóreo e psicológico com cores destacadas e quentes”, tratando temas como violência, sexualidade e feminilidade. A ilustradora faz parcerias com diversos veículos de comunicação como o The Intercept Brasil e a Agência Pública, confira abaixo algumas das ilustrações feitas para as reportagens.



Colcha de retalhos

Diz-se que o tempo não deixa nada igual.

É feita assim: parte daqui, parte de acolá;
quando deu-se por si, tudo que pensava
ser
já estava lá, numa herança silenciosa,
num atavismo desavisado,
um costurar mais que costurado
de coisas que, se hoje cronometram o
presente,
já viveram e marcaram o passado.

As mãos que costuram são os olhos;
as agulhas, o pensamento;
o tecido, o próprio ato de existir;
pedaços de pedaços, mistura de acasos.
A cama... bem, a cama... vereis

Certa vez disse Clarice: “Tudo no mundo
começou com um sim.

Uma molécula disse sim à outra molécula
e nasceu a vida”.

Pois bem, um retalho aqui se prega a
outro ali,
tal como quando se faz uma gente:
vez se monta de um jeito, vez se monta
diferente;
com partes, recortes, cores e tamanhos;
alguns parecidos, mas nenhum igual;
tudo costurado.
Se não costurar, o sim não existe.

Quando chega a coisa, ela na verdade já
existia não existindo,
foi feita de partes que aqui já estavam,
mas que cada uma em seu canto não
formavam coisa sequer;
não é como dizer que antes de haver,
tudo estava feito;
nem que antes de sua existência a
existência já existia;
mas que, num costurar não intencional,
cego e imprevisível,
um ponto de caos se cria,
e dele um acaso se inicia.

O seu tamanho primevo é determinado,
mas não é fixo;
é aspirado, mas não obrigatoriamente
atingível.

Quando se abre a embalagem e se
percebe o produto interno,
quando se estende sobre a existência
onde dormem os incômodos,
quando se arruma, se estica e de longe a
contempla,
percebe-se, então, que está ali,
um todo feito de partes:
mas que ainda assim é maior que a soma
das artes.

Veza ou outra a cama é maior que o
costurado;
por um ou por outro motivo, e por mais
que se estique sobre ela,
os retalhos não foram suficientes para
abarcá-lo território;
falta pano, sobram espaços;
faltam respostas, sobram perguntas.

As mãos e as agulhas começam a
trabalhar,
o mundo começa a ser buscado;
as costuras começam a serem refeitas,
afrouxa-se uma aqui, aperta-se outra ali,
joga-se fora a que está manchada,
mancha-se a outrora limpa;

do pré-definido tecido em mosaico,
do inicial corpo costurado,
do já feito conjunto de coisas,
forja-se um novo conceito,
cria-se uma nova forma,
forma-se um novo ser;
reinventa-se no artesanato.

Há costurados que se creem imutáveis;
mas a primeira lavagem modifica todo o
conjunto,
o primeiro dia no varal já estica a
estrutura,
e o tempo não deixa nada igual.

A menos que nunca se use,
a menos que nunca se experimente,
se ficar sempre numa embalagem
hermética,

se não se desatam os nós do embrulho,
se não se estende sobre a cama,
e a menos que se tranque num vazio,
é impossível não se modificar;
e o tempo não deixa nada igual.

Há também aquelas de vitrine:
nunca foram de fato para o que queriam
ser,
mas para não decepcionar a freguesia
e para não correr o risco de ficar para
sempre no baú,
submetem-se – sabendo ou não, por
querer ou contra a vontade – à exibição;
deixam-se estar por modelos,
mas não podem se modelar ao estilo de
seu modo.

É, então, assim.
Uma imagem que se constrói e se
modifica,
um estado que se faz a partir de outros
estados,
uma coisa que não é sempre assim,
mas que se tornou
e que pode continuamente vir a ser.

Um desfazer que se faz,
num desmontar que se remonta;
num vir a ser.

Uma palavra – um retalho;
um acontecimento – um retalho.
Um livro, um texto, um filme,
um dia, uma noite,
um erro, um acerto,
um trauma, uma alegria, um medo,
uma superação, um aprendizado, uma
ilusão,
um encanto, um desencanto,
um sim, um não,
Deus, Diabo, ninguém;
todos retalhos que entram e retalhos que
saem.

As cores e os formatos dançam a dança
do universo;
as costuradas trabalham freneticamente,
num silêncio ensurdecido,

numa calma que é bravura,
em um aperto que afrouxa.

É, digamos, desse jeito,
como numa colcha de retalhos;
um pedaço não conta história,
mas o conjunto a faz existência;
uma existência que se modifica;
e o tempo não deixa nada igual.

Quero um lugar, onde o preto é feliz.



Andreone é uma pessoa negra não-binária, com formação em Ciências Biológicas e Mestrado em Fisiologia Neuroendócrina e em Neuroanatomia Comparada pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente cursa a graduação em Psicologia na USP, onde também faz doutorado, estudando a influência do nojo na atratividade sexual e na percepção da religiosidade.

Outros de seus estudos compreendem o processo de racialização no Brasil, sobretudo a negra, com articulações entre sexualidade, gênero e afetividade, com destaque para relacionamentos inter-raciais e não monogâmicos.

É um dos fundadores do Coletivo Negro no Instituto de Psicologia da USP e atualmente compõe a Coordenação Executiva do Núcleo de Consciência Negra na USP como Secretária Geral. Em 2017 criou o blog Devaneios Filosóficos.

Conheça mais poemas e obras de Andreone em www.devaneiosfilosoficos.com e no perfil do Instagram [@andreone.medrado](https://www.instagram.com/andreone.medrado).



Os Miseráveis

Vítor nasceu... no Jardim das Margaridas.
Erva daninha, nunca teve primavera.
Cresceu sem pai, sem mãe,
sem norte, sem seta.
Pés no chão, nunca teve bicicleta.
Já Hugo, não nasceu, estreou.
Pele branquinha, nunca teve inverno.
Tinha pai, tinha mãe, caderno e fada madrinha.
Vítor virou ladrão, Hugo salafrário.
Um roubava pro pão,
o outro, pra reforçar o salário.
Um usava capuz, o outro, gravata.
Um roubava na luz, o outro,
em noite de serenata.
Um vivia de cativoiro,
o outro, de negócio.
Um não tinha amigo: parceiro.
O outro, tinha sócio.
Retrato falado, Vítor tinha a cara na notícia,
enquanto Hugo fazia pose pra revista.
O da pólvora apodrece penitente,
o da caneta enriquece impunemente.
A um, só resta virar crente,
o outro, é candidato a presidente.

Sérgio Vaz é poeta, escritor, agitador cultural, idealizador da Semana de Arte Moderna da Periferia, fundador da Cooperifa (Cooperativa Cultural da Periferia) e de outros projetos ligados à Cooperativa, como, por exemplo, o Sarau da Cooperifa, a Antologia Poética do Sarau da Cooperifa, o CD de poesia da Cooperifa, o Sarau rap, o Cinema na Laje, Café Literário em Taboão da Serra e Poesia no ar. Sendo estes alguns dos que ele participa como idealizador, organizador e produtor, além dos projetos nos quais ele atua como convidado, ora para falar da Cooperifa, ora dos Saraus ou apenas para declamar ou para apresentar outras ações culturais.

Ryane Leão

Ryane Leão é poeta, professora, mulher preta e feminista. A poeta é dona da página “onde jazz meu coração”, no perfil do Instagram

@ondejazzmeucoração, que atualmente tem 627 mil seguidores, na qual compartilha sua poesia e vida com o público. Além disso, a autora já publicou duas obras, Tudo nela brilha e queima e Jamais peço desculpa por me derramar. Em suas obras, traz suas experiências e dores como mulher e comunicadora, de maneira muito sentimental, real e empoderada.



eis abaixo um dos poemas publicados em sua rede:

you are a woman
that describes as strong
it's the first thing they talk
when they know you
really there is a lot of courage
running in your blood
but there are also wounds
and revolts

who accompanies you in the breaks
is who you want to stay
the rest can go

you are the excess
of excess
everything or nothing
you are a road
that never stays
in the same place
you are a country
that no one will
dominate

they irritate you
because you believe and go to the end
and even those who don't understand
see you in you

you are a woman
that carries fireworks of artifice
inside
in the
of butterflies
when you love
you illuminate

the edges of all the beaches
like on the days of the new year
full of possibilities

you are the full moon night
week of carnival
shot of cachaça
live music in the street
on a sunny afternoon
and all these things
that mess with the head
of anyone

they say you are scary
because you say what you think
and do what you want
who oppresses
never expects this
of a woman

you are the prediction of
hailstorms
and who is who has managed
to stop a storm?
who stayed away from you
and tried to silence you

it's because he realized that he can't
control you

only remains
who is of diving

you remember whole records
memorizes smiles
and knows that a river bath
improves any misalignment

you learned to be kinder
with your body
you don't force more the bar
with yourself
and you give time to rest

you are a woman who knows
that other women came
before
so that now you sign
your voice
and your ancestors thank
for you
for the cry that they couldn't
give

you are not a flower
you are a whole forest
beautiful
uncommon
immense
unexpected
your advice: pay attention
where you step
because my roots
continue
to grow

Um sábado qualquer



Carlos Ruas (Nitéroi, 23 de outubro de 1985) é idealizador da webcomic “Um Sábado Qualquer”, que trata de temáticas religiosas com muito humor e sátiras inteligentes em suas tirinhas. A série foi lançada em 2008 e segue ativa até os dias de hoje no site <https://www.umsabadoqualquer.com/>.



Museu das Culturas Indígenas

texto por
ROBSON LIMA DOS SANTOSA

fotos por
MUSEU DAS CULTURAS INDÍGENAS

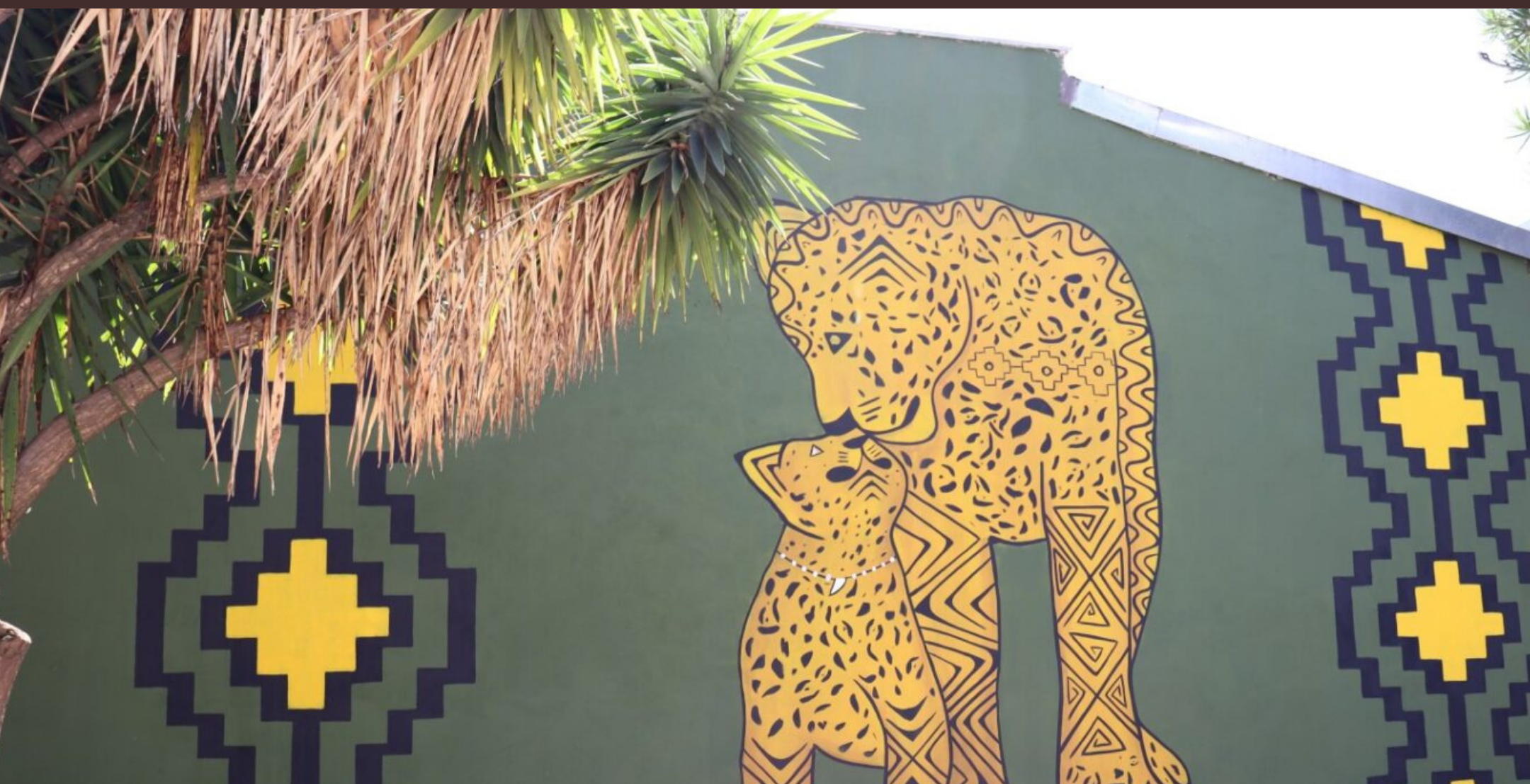
O Segundo o INPE, de janeiro a maio de 2023, as áreas com alerta de atividades criminosas de garimpo ilegal em reservas indígenas mais que dobraram em relação ao mesmo período no ano passado. Além disso, junho é o mês que marca o retorno do julgamento do marco temporal, tese jurídica que declara que os povos indígenas têm direito de ocupar apenas as terras que ocupavam ou já disputaram até 5 de outubro de 1988.

Frente a esses ataques, o Museu das Culturas Indígenas surge na capital paulista como um respiro de preservação dessa parte da população fortemente ameaçada nos últimos anos.

O museu abriu suas portas em julho de 2022, localizado na zona oeste de São Paulo, na rua Dona Germaine Burchard, 451, no bairro da Água Branca, e conta atualmente com três exposições temporárias. Conheça:

OCUPAÇÃO DECOLONIZA - SP Terra Indígena

Ocupando as áreas externas do museu, está presente nos muros e paredes e utiliza diversas linguagens artísticas. A presença de grafismos guaranis e desenhos de onças pintadas, além da exposição a céu aberto, traz olhares decoloniais aos espaços urbanos. As temáticas de resistência e luta pelos direitos indígenas estão presentes em diferentes obras.



NHE'ËRY - Onde os espíritos se banham



MUSEU DAS
CULTURAS
INDÍGENAS

Um mergulho na floresta, o santuário que se transforma em portal. Em tradução livre, “onde os espíritos se banham”. É onde se tem a purificação e elevação divina ao mundo cosmológico em busca da leveza espiritual e da eternidade.



YGAPÓ: Terra Firme



Com a curadoria de Denilson Baniwa, é um convite à floresta amazônica através de experiências sensoriais utilizando os cinco sentidos. Em uma das salas de exposição, no segundo andar, é indicada a entrada com os pés descalços para ter uma melhor imersão na obra e assim gerar uma completa conexão com a ativação.

Além das exposições temporárias, o museu apresenta diversas outras atividades. Nos meses de junho e julho, acontecem a Feira de Artesanato e as aulas de Artesanato Indígena, ambas focadas na comemoração de aniversário de abertura do museu.

Onde: Rua Dona Germaine Burchard, 451, Água Branca, na Zona Oeste
Ingressos: R\$ 15 (inteira); grátis para o público em geral às quintas-feiras e, para indígenas, todos os dias.

<http://museudasculturasindigenas.org.br/>

115 ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA E SUA PRESENÇA CULTURAL

O Festival do Japão de São Paulo

Em 1908 o navio Kasato Maru chegou ao Brasil, seu aportamento deu início ao grande fluxo de imigrantes japoneses que vieram para o país. Para comemorar os 115 anos da Imigração Japonesa, trouxemos alguns grandes eventos relacionados à essa cultura!

[Home](#)[Festival +](#)[Voluntário](#)[Notícias +](#)[Programação +](#)[INGRESSOS](#)

**O MAIOR FESTIVAL
DA CULTURA JAPONESA
VEM AÍ!**

07/07 SEXTA 11H às 21H
08/07 SABADO 9H às 21H
09/07 DOMINGO 9H às 18H

SÃO PAULO EXPO
EXHIBITION & CONVENTION CENTER
Rod. dos Imigrantes Km 1,5 - São Paulo



APROVEITE MAIS!
もっと、利用しましょう!

DESPERDICE MENOS.
ムダをなくし

MOTTAINAI!
もったいない!

**24° Festival
do Japão** 日本祭
KENREN
2023

COMPRE SEUS
INGRESSOS
ANTECIPADOS
COM DESCONTO!

🎫🎫🎫/festivaldojapao



O Festival do Japão de São Paulo é amplamente reconhecido como o maior evento do gênero no Brasil e geralmente acontece durante o meio do ano. No ano de 2023, a celebração ocorrerá entre os dias 7 e 9 de julho, no espaço São Paulo Expo, localizado na Rodovia dos Imigrantes.

Um dos pontos fortes desse festival é a sua impressionante gastronomia, que oferece uma oportunidade única de experimentar os pratos típicos das 47 províncias japonesas. É seguro dizer que a variedade culinária é uma representação fiel da riqueza gastronômica do Japão!

Okinawa Festival

O festival em questão é organizado pela comunidade de Okinawa, uma província situada no extremo sul do Japão. Antes da dominação pelo Japão imperial, Okinawa era um território independente com sua própria cultura e povo. Portanto, a preservação da comunidade é essencial para os descendentes desse território. Eventos como esse desempenham um papel importante na manutenção da cultura de Okinawa aqui no Brasil.

O Okinawa Festival tradicionalmente ocorre no início do segundo semestre, e este ano está programado para os dias 5 e 6 de agosto. O evento tem lugar na praça Haroldo Daltro, na Vila Carrão, Zona Leste de São Paulo, nas proximidades desta praça encontra-se a Associação Okinawa Vila Carrão, uma das maiores associações okinawanas do país. Durante o festival, os visitantes têm a oportunidade de vivenciar principalmente a cultura de Okinawa, através de apresentações artísticas e até mesmo workshops culinários

Anime Friends

Em São Paulo também tem espaço para a cultura pop japonesa. Junto aos 115 anos do Japão, o famoso evento Anime Friends está chegando a sua 20ª edição esse ano.

O evento é dedicado aos mangás, animes e à música popular japonesa, conhecida como J-Pop, sendo o maior evento desse tipo no Brasil. No ano anterior, atraiu a presença de 80 mil pessoas, incluindo 20 mil que receberam ingressos gratuitos.

O Anime Friends 2023 apresentará estandes de editoras de mangás e livros de autores japoneses. Além disso, contará com o espaço chamado "Artists' Alley", onde artistas poderão expor e vender seus trabalhos relacionados às temáticas do evento.

O Anime Friends 2023 vai acontecer **entre 13 e 16 julho**, no Anhembi, em São Paulo. Mais informações sobre o evento e sua programação estão disponíveis no:

<https://animefriends.com.br>



A programação do Anime Friends 2023 incluirá a presença de convidados especiais, como influenciadores digitais, bandas e cantores nacionais e internacionais, bem como autores e artistas favoritos do público, juntamente com dubladores dos animes mais famosos. Entre os diversos nomes confirmados, destacam-se os protagonistas de séries como Jaspion e Jiraiya, os atores japoneses Takumi Tsutsui e Takumi Hashimoto, a Banda Scandal, dubladores como Guilherme Briggs e Wendel Bezerra, além de mais de 50 atrações nacionais e internacionais. O evento também contará com diversas atividades e áreas temáticas, como concursos de cosplay, exposições de animes e shows.

texto por

BEATRIZ ALVES DE SOUZA

VICTOR EIJI ARASHIRO OTA

fotos por divulgação dos sites do

Anime Friends e Festival do Japão de São Paulo

AVAF - ALTERAÇÕES VIVIDAS ABSOLUTAMENTE FANTASIOSAS

SESC PAULISTA | 12/05 A 30/07

O coletivo AVAF (Assume Vivid Astro Focus) é um grupo artístico internacionalmente reconhecido que tem como base o Brasil. Fundado em 2001 por Eli Sudbrack e Christophe Hamaide-Pierson, o AVAF tem como objetivo criar obras que explorem a fusão entre arte, design, moda e cultura popular.

O coletivo é conhecido por suas instalações vibrantes e coloridas, que utilizam uma variedade de mídias, como pintura, escultura, vídeo e performance. Suas obras são caracterizadas por uma estética exuberante e surrealista, que incorporam elementos da cultura popular, como grafismos, padrões, ícones pop e referências à música, à moda e à subcultura.

Uma das exposições mais emblemáticas do AVAF foi intitulada "Alterações Vividas Absolutamente Fantásticas" que está em cartaz no Sesc Paulista, em São Paulo, de 12/05 à 30/07. A exposição é um mergulho imersivo no mundo criativo do coletivo, apresentando uma variedade de trabalhos que refletem a identidade visual característica do AVAF.

A mostra apresenta uma série de pinturas em papel de parede, esculturas e instalações que exploram temas como a diversidade, o corpo, a sexualidade e a cultura de massa. Os visitantes são convidados a entrar em um ambiente transformador, repleto de cores intensas, formas abstratas e padrões hipnóticos.

Além das obras de arte físicas, o AVAF também incorporou em seu labirinto elementos interativos, como projeções de vídeo, música e performances ao vivo. Isso criou uma experiência imersiva e participativa para o público, que foi convidado a explorar e interagir com o espaço expositivo.

A exposição "Alterações Vividas Absolutamente Fantásticas" é uma oportunidade para os espectadores mergulharem no mundo criativo e visionário do coletivo AVAF. Ela representa a expressão artística e a experimentação estética que são marcas registradas do grupo, além de estimular a reflexão sobre temas sociais e culturais por meio de uma abordagem visualmente impactante.

texto por

BRUNO MAZZI TORRECILLAS e

MAXCINNE CRISTINNE BARBOSA GREGÓRIO

revista **OUTROSSIM**

página 74



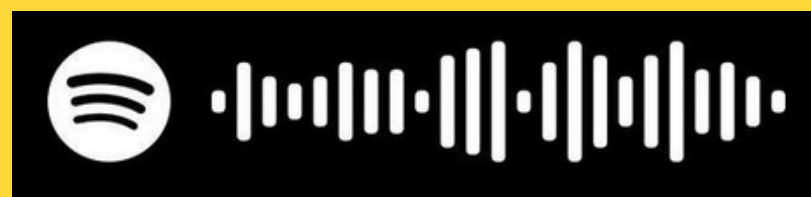
Funmilayo afrobeat

Funmilayo Afrobeat Orquestra é uma banda de afrobeat brasileiro formada em 2019 pela cantora e saxofonista Stela Nesrine e a trompetista Larissa Oliveira. Provocadas pela ausência de mulheres negras no afrobeat, um gênero essencialmente negro, buscaram outros artistas para dar vida ao projeto. Sthe Araújo e AfroJu Rodrigues na percussão, Ana Goes no sax tenor, Priscila Hilário na bateria, Bruna Duarte no baixo, Jasper Okan na guitarra, Rosa Couto nos vocais e bloco sonoro, Tamiris Silveira nos teclados e Vanessa Soares na dança. O nome homenageia Funmilayo Anikulapo Kuti, pioneira na luta das mulheres nigerianas por liberdade, direito ao voto e justiça social. Professora proeminente e ativista incansável, Funmilayo é mãe de Fela Anikulapo Kuti, artista nigeriano considerado o criador do afrobeat, com músicas engajadas em política e problemas sociais.

A banda propõe um novo reencontro musical entre a África e o Brasil, ostentando referências desse gênero musical essencialmente negro. O repertório da banda apresenta composições coletivas, inspiradas pela trajetória artística e intelectual de mulheres negras brasileiras, unindo as experiências particulares das integrantes.

A Funmilayo Afrobeat Orquestra se apresenta em diversos espaços culturais, principalmente em São Paulo, mas a agenda completa da banda está disponível no perfil oficial do grupo no Instagram (@funmilayoafrobeat).

Escute Funmilayo Afrobeat Orquestra no Spotify. Leia o Spotify Code!



Agenda de JULHO

07/07 - Lançamento do vinil do disco Funmilayo (**Sesc Belenzinho**)

22/07 - Show em celebração do mês da Mulher Negra, Latino-americana e Caribenha (**Parque Chácara do Jockey**)

29/07 - Festival Jazz Santos (**Santos, SP**)

30/07 - **Sesc Interlagos**

SP FASHION WEEK



A São Paulo Fashion Week (SPFW) é um verdadeiro espetáculo da moda, um evento imperdível para todos os apaixonados pelo mundo fashion. Como o maior evento de moda do Brasil e da América Latina, a edição paulistana se destaca entre as principais semanas de moda do mundo, ao lado de cidades como Paris, Milão, Nova York e Londres.

Desde a sua primeira edição em 1993, a SPFW tem encantado o público com sua energia contagiante e seu compromisso com a inovação. Duas vezes ao ano, na vibrante cidade de São Paulo, essa celebração da moda reúne as principais grifes nacionais e internacionais, proporcionando uma experiência única tanto para os profissionais do setor quanto para os entusiastas.

A SPFW não é apenas um evento, é uma janela para as tendências mais quentes do momento. A cada edição, os designers apresentam suas coleções inspiradoras, revelando os estilos e estampas que ditarão a moda nas próximas temporadas. É o lugar onde as ideias se transformam em realidade e onde a moda se reinventa a cada passo na passarela.

A 55ª edição do evento aconteceu entre os dias 25 a 28 de maio e apresentou as coleções outono/inverno, maravilhando o público presente com as criações de talentosos designers e as apresentações ao vivo de bandas como a Funmilayo Afrobeat Orquestra, que compuseram a trilha sonora do desfile da estilista Fernanda Yamamoto.

As próximas edições da São Paulo Fashion Week em 2023 já têm datas marcadas para agitar o seu calendário. A edição número 56 promete ser um verdadeiro espetáculo para a temporada primavera/verão. Prevista para ocorrer no segundo semestre de 2023, entre os dias 08 a 12 de novembro.

A semana de moda pretende trazer o frescor das tendências mais quentes da estação, combinando cores vibrantes, tecidos leves e cortes elegantes. Será uma envolvente imersão no mundo da moda, possibilitando vivenciar de perto as criações de renomados designers, até descobrir talentos emergentes.

O evento é itinerante, e ao longo do ano estarão disponíveis os espaços onde ocorrerão os desfiles, porém também há a possibilidade de assistir os desfiles de maneira remota através do site <https://spfw.com.br/> ou pelo YouTube e Facebook da SPFW.

texto por

LUANA VITÓRIA SANTOS DE MEDINA

JORGE AUGUSTO OLIVEIRA BARROS

fotos por divulgação Funmilayo Afrobeat e SP Fashion Week

Corpo que Habito, com Isabelle Neris

texto por

RAFAEL MENDES

Isabelle Neris é uma jogadora de voleibol, que por muito tempo foi contrariada ao seu direito de competir e vivenciar o esporte.

Ela começou no vôlei quando tinha apenas 8 anos, mas lhe foi negada a possibilidade de competir por não se identificar com o corpo em que nasceu.



foto por DIVULGAÇÃO / SESC POMPEIA

Conhecendo a história de Tiffany Abreu, uma jogadora da modalidade, também transsexual, que enfrentou os mesmos desafios, mas no esporte profissional, Isabelle encarou a problemática e passou a ser a primeira curitibana transsexual a participar de uma competição pelo time Voleiras.

Entendemos que políticas de diversidade vêm sendo cada vez mais pensadas, mas não podemos deixar de notar que muitas áreas, entre elas o esporte, possuem muito caminho a percorrer, de modo a garantir a democratização do acesso e, principalmente, do direito à participação e à vivência.

Pensando nisso e compreendendo o impacto que as vivências LGBTQIAP+ podem causar na vida de outros LGBTQIAP+, como Tiffany causou em Isabelle, o Sesc Pompeia, através do projeto Corpo que Habito,

irá receber a atleta para um bate-papo e vivência esportiva, que acontecerá no dia 17/06/2023 às 14h30 no conjunto esportivo da sede. A aula aberta terá duração de 2h, a entrada será franca e livre para todas as idades. Não perca esta aula, troca e bate bola!

Endereço: Sesc Pompeia, sede esportiva, Rua Clélia, 93 - Água Branca, São Paulo - SP, 05042-000.

Data: 17/06/2023

Entrada Gratuita.

Livre para todos.



Coletânea de eventos **LGBTQIAPN+**

texto por **ASTRAL SOUTO,**
LARISSA GOMES e
LAURA DA SILVA SANTOS

Open day **LGBTQIAPN+** no **Juicyhub**

Comunidade,
conteúdo e
coworking
em Santos

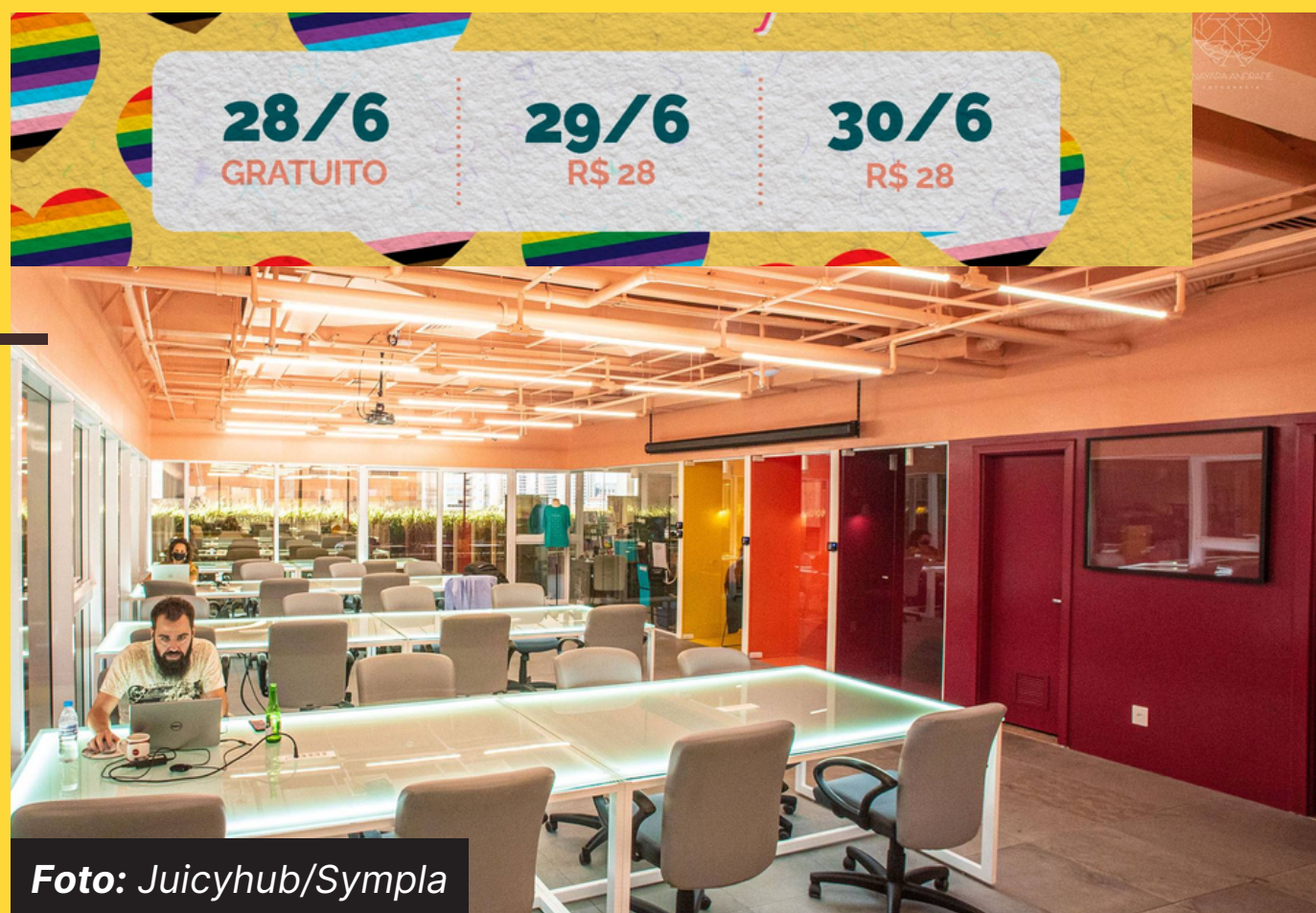


Foto: Juicyhub/Sympla

O **Juicyhub** poderá ser usado gratuitamente pela comunidade LGBTQIAPN+ no dia **28 de junho** em comemoração ao mês do orgulho e ao aniversário da Revolta de Stonewall, luta histórica ocorrida em 1969, nos Estados Unidos.

O que é o Juicyhub? É uma plataforma híbrida de inovação social, economia criativa e empreendedorismo. Nascido em Santos, mas não restrito à cidade, o Juicyhub é composto por 3 pilares:

Comunidade: Onde os movimentos acontecem. Criadores, empreendedores e inovadores constroem juntos e se apoiam.

Coworking: Espaço para que pessoas transformadoras e empreendedoras produzam e se conectem por meio de um ambiente inédito na região da Baixada

Santista, que inclui ergonomia, design, terraços confortáveis, áreas de eventos e entretenimento.

Conteúdo vibrante: Combinação dos pilares de eventos, educação e experiência para fortalecer a cultura de inovação, que inclui curadoria e compartilhamento da experiência e da rede, formada ao longo de mais de vinte anos de empreendimento na área de economia criativa.

Endereço: Edifício Parque Ana Costa
Avenida Ana Costa, 433 — 4º andar
Gonzaga, Santos (SP)





Fotos: G1-Globo/TripAdvisor



O que é o Museu do Holocausto?

VISITA ESPECIAL AO MUSEU DO HOLOCAUSTO

—
em homenagem ao Mês do Orgulho LGBTQIAPN+
LGBTQIAPN+
2ª Edição
(Curitiba)

Em 28 de junho, quarta-feira, às 19h, o Museu do Holocausto de Curitiba — em parceria com o [Grupo Dignidade](#) — promoverá uma visita especial em comemoração ao Mês do Orgulho LGBTQIAPN+. Nessa mediação, será percorrido o espaço expositivo a partir de histórias de vítimas da perseguição nazista, traçando um paralelo com o preconceito e a violência que a comunidade LGBTQIAPN+ enfrenta ainda hoje. As vagas são limitadas e sem custo! Os interessados devem fazer a inscrição prévia.

Endereço: R. Coronel Agostinho Macedo, 248, Bom Retiro, Curitiba

É o primeiro museu com essa temática no Brasil, tendo objetivo de **recordar o Holocausto através da memória das vítimas e dos sobreviventes**, além de utilizá-lo como exemplo na luta contra o ódio, a intolerância, o racismo e o preconceito.



DRAG BRUNCH BRASIL

O Drag Brunch Brasil é um espetáculo drag que ocorre uma vez por mês no Sky Hall Terrace Bar, em São Paulo. Apresentado por Ikaro Kadoshi e com um line-up de diferentes convidados, o evento oferece a oportunidade de assistir ao show diretamente de sua mesa, enquanto desfruta de um delicioso cardápio de brunch preparado pelo chef Martin Casilli, ex-Masterchef. O Drag Brunch Brasil é uma opção ideal para aqueles que preferem atividades diurnas e desejam ter um contato mais próximo com as drags. É um evento divertido e emocionante para toda a família.

Endereço: Edifício International Plaza II.

Avenida Presidente Juscelino Kubitschek, 1327. São Paulo (SP)

Garanta seu ingresso aqui

Próximas datas: 02/07 e 13/08

TROPIKALIAKIKIBALL NA MALOCA

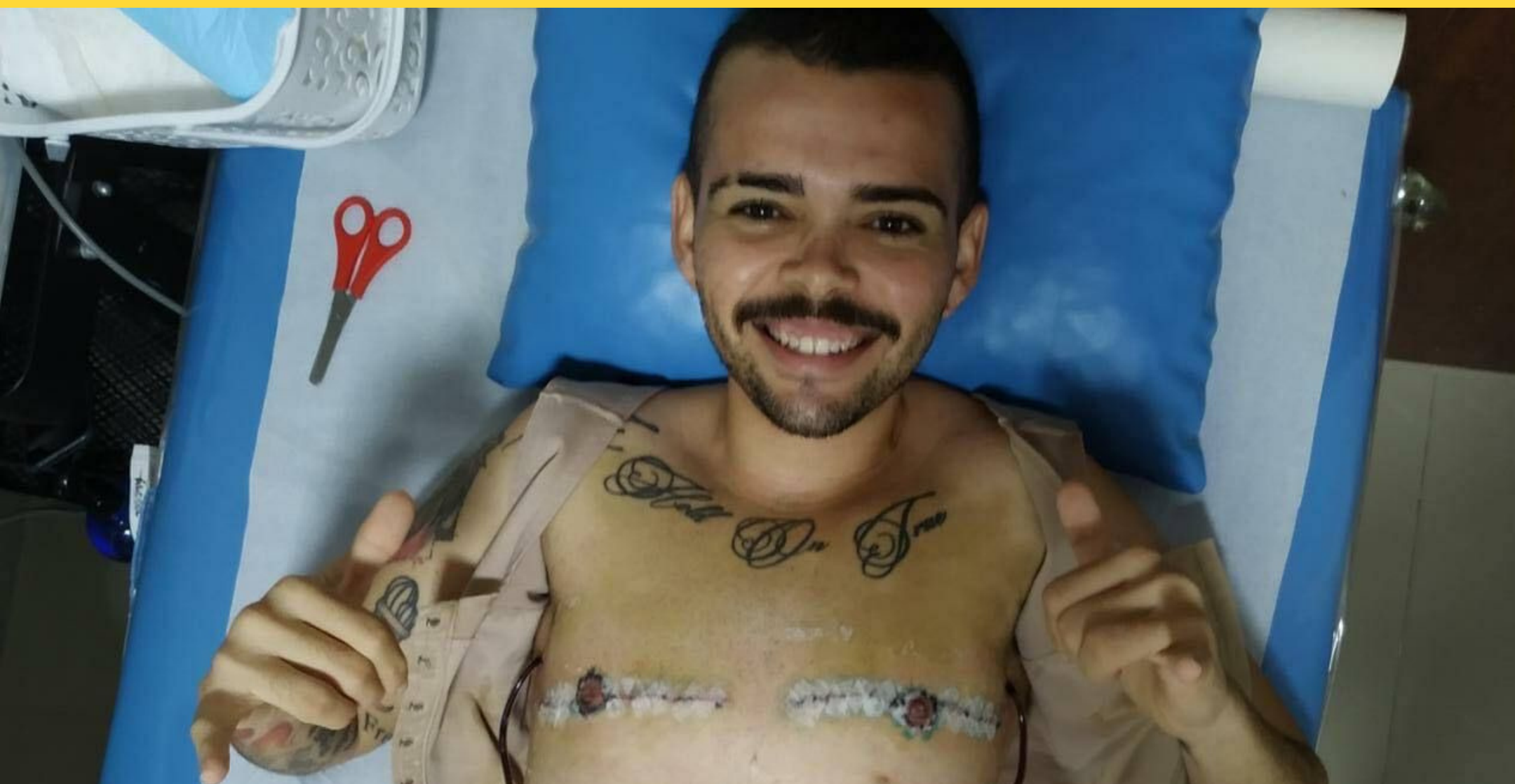


No dia 18 de junho será realizado o evento TropikaliaKikiBall na Maloca em Sorocaba (SP). O evento terá início às 16h e contará com a participação de oito emocionantes categorias.

A festa se utiliza da cultura Ballroom, uma subcultura LGBTQIAPN+ afroamericana e latina que teve origem na cidade de Nova York, e da festa junina, com comidas e músicas típicas.

O evento é pago e o primeiro lote custa apenas R\$10,00, contando ainda com uma lista VIP para pessoas trans, cujo ingresso é de graça.

Endereço: Rua Francisco Scarpa, 321, Centro. Sorocaba — SP



OS TRÂNSITOS DA DÁDIVA:

a troca de presentes e a ideia de reciprocidade entre cirurgiões plásticos e pacientes no escopo da medicina trans

Nesta palestra intitulada "Os trânsitos da dádiva: a troca de presentes e a ideia de reciprocidade entre cirurgiões plásticos e pacientes no escopo da medicina trans", o prof. dr. Francisco Cleiton Vieira Silva do Rego compartilha parte dos resultados de sua pesquisa desenvolvida durante seu programa de pós-doutorado na USP, no qual realizou uma etnografia em clínicas de cirurgia plástica e hospitais na região de São Paulo, com foco na mudança de sexo/gênero assistida biomedicamente.

O objetivo da pesquisa é observar como as cirurgias nesse contexto estão relacionadas à troca de presentes e à ideia de reciprocidade entre cirurgiões plásticos e pacientes. As cirurgias se tornaram uma transação comercial em crescimento, com cirurgiões oferecendo uma variedade de procedimentos, desde mamoplastias masculinizadoras e vaginoplastias até feminização facial, entre outros. Entretanto, essa relação comercial vai além do pagamento monetário pelo serviço cirúrgico. Os cirurgiões compartilham em suas redes sociais presentes recebidos de pacientes, e em seus consultórios, esses presentes são exibidos como objetos de decoração, como fotografias dos pacientes operados, miniaturas de médicos, bandeiras trans, cartões de agradecimento e outros itens.

A palestra acontecerá dia 30/06 às 10h e será feita de forma online via Google Meet. Para mais informações, acesse o site oficial da FFLCH: www.fflch.usp.br



THE REALNESS FESTIVAL 2023



O maior festival drag da América Latina!

O festival de drag queens teve primeira edição em 2022, reunindo sete estrelas do programa **RuPaul's Drag Race** em uma noite de shows exclusivos para um público de mais de 3 mil pessoas. O objetivo do festival é criar um espaço seguro e inclusivo para todas as pessoas, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero.

Neste ano, o festival está de volta com novas artistas no line-up e uma queen retornando aos palcos. A expectativa é superar o público da primeira edição e oferecer uma experiência única e inesquecível aos fãs do programa. O evento contará com performances empolgantes, surpresas, muito brilho e glamour.

A ideia do festival surgiu em 2021, idealizada por **Paulo Matos**, como uma expansão da tradicional "Festa Realness", que já realiza shows de drags do programa há seis anos. A primeira edição foi um sucesso e se tornou referência para festas semelhantes em outros países da América Latina.

Garante seu ingresso em: [Sympla](#)

Próximas datas: **12/08 e 13/08**

Endereço: **Rua Gibraltar, 346**. Santo Amaro, São Paulo — SP



TRANSarau

Coletivo de arte transvestigêneres¹

texto por **FABIANA YAI,**
SAMANTHA LIMA



Organizado por artistas e ativistas TRANSvestigêneres, em colaboração com pessoas LGBTQIA+, voltado para visibilidade trans, o TRANSarau nasceu em dezembro de 2015, com o objetivo principal de estarem atrelados a um projeto de sociedade possível em equidades de classe, raça e gênero, através da educação da poesia e de suas interferências na cena cultural e territorial da cidade de São Paulo.

Em suas edições, o coletivo enaltece a arte produzida por pessoas trans, travestis, homens trans, transmasculinidades e pessoas não-binárias. Cada novo evento conta com um espaço incrível de muita poesia, música, conteúdo, fervo e luta!



No mês do orgulho LGBTQIA+, o TRANSarau realizará uma apresentação no Jardim da Casa das Rosas, na capital paulista. Será um evento com entrada gratuita e aberto a todes, sem necessidade de inscrição prévia.

Data e horário: 17/06 (sábado) das 18h às 20h

¹ termo transvestigêneres foi cunhado e usado, frequentemente, pela deputada federal, Érika Hilton, e a ativista Indianare Siqueira, para abarcar “todas identidades de homens e mulheres trans, travestis, pessoas trans não binárias, pessoas que fogem do CISTema” (padrão cis heteronormativo). Disponível em <<https://www.google.com/amp/s/apublica.org/2022/01/erika-hilton-e-a-resistencia-transvestigeneres-no-poder/%3famp>>. Acesso em: 13. jun. 2023

ATRAÇÕES E OFICINAS DE TEATRO

texto por **JULIANA DE PAULA COELHO DE ALBUQUERQUE**
ISABELLA FERNANDES RIBEIRO

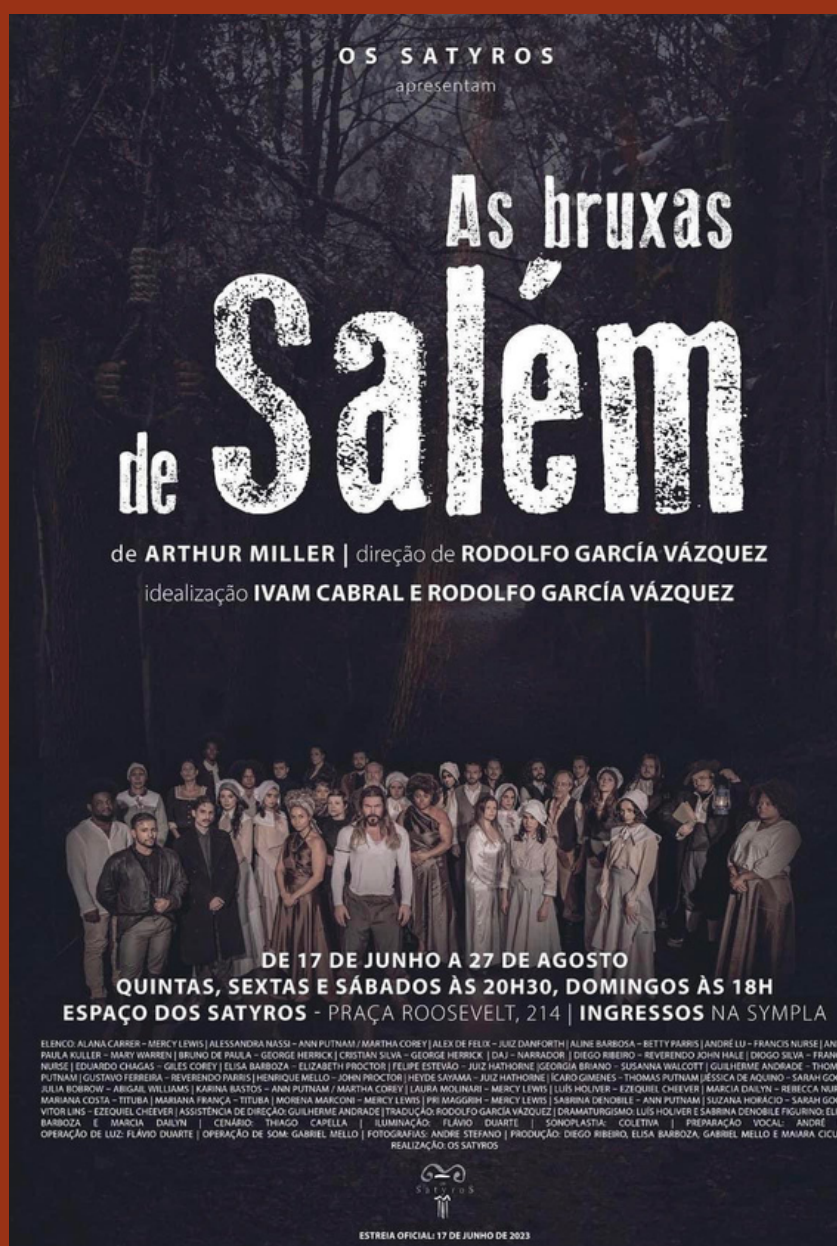
As Bruxas de Salém

A Companhia de Teatro Os Satyros está estreando a sua mais recente produção: “As Bruxas de Salém” e a gente traz aqui mais detalhes e informações sobre a peça para que você fique ligado e não perca esse espetáculo!

Contando com um elenco de cerca de 33 atores, a montagem promete transportar o público para o tão famoso e obscuro período das caças às bruxas do século XVII, ao mesmo tempo em que busca trazer uma reflexão sobre a polarização da sociedade brasileira atual com a ascensão da extrema direita iniciada com a Lava Jato e que culminou na tentativa de golpe de estado de 8 de Janeiro de 2023.

“As Bruxas de Salém” é uma peça que procura instigar e fomentar a reflexão sobre a temática do conservadorismo e da realidade atual do nosso país. A peça está sob a direção de Rodolfo García Vázquez e conta com cenários e figurinos que remetem ao puritanismo, criando um ambiente provocativo e imersivo que estimula a reflexão e o questionamento do público. Entre os temas centrais da montagem estão as fake News, a cultura do ódio, o cancelamento, a violência de massas, a manipulação judicial e o obscurantismo.

A peça estará em cartaz no Espaço dos Satyros até o dia 27 de agosto com vendas de ingressos pela plataforma Sympla. Vale a pena conferir e prestigiar essa obra!



Festival Internacional Paidéia de Teatro

Festival Internacional Paidéia de Teatro: A “**Paideia Associação Cultural**”, fundada em 1998 por Amauri Falseti e Aglaia Pusch, é uma instituição que tem como foco principal o trabalho artístico direcionado à jovens e crianças. Dentro dessa missão, a instituição conta com a Cia. Paideia de Teatro, que se dedica de forma integral ao desenvolvimento de projetos e performances voltados para esse público. Desde a sua criação, eles têm se empenhado para promover a arte e a cultura como ferramentas essenciais para o desenvolvimento educacional e emocional das crianças e dos jovens.



O **Festival Internacional Paidéia de Teatro para Infância e Juventude: Uma Janela para a Utopia**, acontece no segundo semestre de cada ano na região de Santo Amaro, zona sul de São Paulo, desde 2007. Tendo como enfoque também público infanto juvenil, a companhia reúne em seu festival peças de diversos países, contando com peças de diversas temáticas, realização de oficinas para artistas e não artistas, debates, mesas redondas e muito mais. Sendo uma experiência única de troca, o festival possibilita um intercâmbio cultural entre artistas e espectadores de diversas culturas. Toda essa realização é oferecida para a população a preços populares e/ou gratuitos, com o objetivo de promover acessibilidade à cultura nacional e internacional especialmente para o público jovem.

Mais informações podem ser encontradas no site oficial da associação (<https://www.paideiabrasil.com.br/>) e nas redes sociais da companhia.

fotos por
Os Satyros / **Reprodução Twitter**
Bruxas de salém / **Andre Stefano**
Paideia Brasil / **Reprodução site oficial**

curiosidades sobre o *movimento trans* no Brasil



texto por **RAFAELA AMS D'ANGELO**

O movimento trans existe no Brasil há décadas, mas muito pouco é dito sobre sua história e sua trajetória. Enquanto hoje a luta trans é muito mais conhecida e evidente, isso só é possível por causa das inúmeras provações do movimento no passado. Nesse quiz, trazemos algumas curiosidades para testar seu conhecimento sobre a história do movimento trans. Caso você não saiba de todas, agora fica sabendo mais sobre a luta histórica das pessoas trans no Brasil.



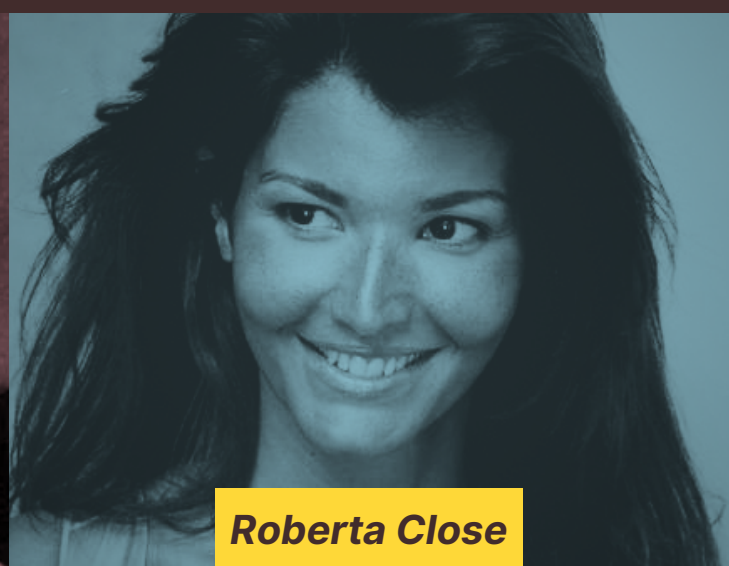
Elvira Pagã

Hemeroteca



Madame Satã

Esquina Musical



Roberta Close

Revista Caras

1

Quem foi a primeira travesti de que se tem conhecimento no Brasil?

- a) **Renata Peron**, pioneira no ativismo pelos direitos de pessoas trans e fundadora da Casa Florescer
- b) **Xica Manicongo**, mulher escravizada trazida do Congo
- c) **Elvira Pagã**, artista performática do Rio de Janeiro que se tornou icônica no cenário boêmio da cidade
- d) **Madame Satã**, capoeirista e sambista do Rio de Janeiro

2

Quando a transsexualidade deixou de ser categorizada como patologia na CID (Classificação Internacional de Doenças), publicada pela Organização Mundial da Saúde (OMS)?

- a) **2018** – Ano da 21ª Copa do Mundo, realizada na Rússia
- b) **2011** – Ano em que o casamento entre pessoas do mesmo gênero foi legalizado no Brasil pelo STF
- c) **1945** – Fim da Segunda Guerra Mundial
- d) **1932** – Ano em que as mulheres brasileiras conquistaram o direito de votar nas eleições municipais

3

Qual é o país em que mais mulheres trans e travestis são mortas por ano?

a) **Níger**, país com pior IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do mundo e que enfrenta problemas severos de pobreza

b) **Arábia Saudita**, onde a homossexualidade é proibida e punida com pena de morte ou com castigos físicos

c) **Brasil**, maior país da América Latina e que possui a cidade mais rica e economicamente influente da região.

d) **Rússia**, o maior país do mundo, que tem uma lei que proíbe a "Propaganda Homossexual" para menores de idade

4

Quem foi a primeira pessoa trans a ganhar destaque na televisão brasileira?

a) **Glamour Garcia**, atriz brasileira que já fez novelas na Globo

b) **Lacraia**, que ficou conhecida pelas performances de dança e que se destacou no funk carioca

c) **Roberta Close**, modelo na década de 80 e considerada uma das mulheres mais bonitas do Brasil

d) **Maria Clara Spinelli**, atriz brasileira que atuou na novela "A Força do Querer" e no filme "Hoje Eu Quero Voltar Sozinho"



Lacraia

Portal IG

GABARITO



1

b) **Xica Manicongo** foi uma travesti escravizada trazida do **Congo** por volta do ano de **1591**. Os registros que se tem dela foram por denúncias feitas aos tribunais do **Santo Ofício** pelo então crime de Sodomia.

2

a) Enquanto a **transexualidade** não foi retirada do CID até hoje, em **2018**, com a **CID-11**, houve uma mudança na categorização do termo. Sendo assim, a transexualidade deixa de ser considerada uma patologia e se torna uma "**incongruência de gênero**", ou seja, uma variação natural na identidade de gênero.

3

c) O Brasil é o país que mais mata pessoas **LGBTQIAP+**, especialmente mulheres trans e travestis, mesmo não tendo nenhuma lei que criminalize a comunidade. Em 2020 a **ANTRA** (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) registrou **175** casos de **homicídio** de pessoas trans no país.

4

c) **Roberta Close** é modelo e atriz carioca. Foi uma das primeiras pessoas trans a alcançar notoriedade midiática no Brasil. Teve **carreira internacional** e desfilou para estilistas renomados mundialmente. Além disso, foi a primeira mulher trans a ser capa da revista **Playboy**.



Clarice Lispector



Rachel de Queiroz



Adélia Prado

as *mulheres* na literatura brasileira

texto por **DANIELA MORAIS ROSA**

A literatura brasileira é repleta de obras paradigmáticas e inovadoras escritas por mulheres. No entanto, quando pensamos em grandes nomes desse campo no nosso país, quase sempre o que vem à mente são autores. Isso não é por acaso, já que há e houve ao longo da história um apagamento sistemático

da contribuição das mulheres para a literatura. Como forma de lembrar e celebrar as mulheres brasileiras que trouxeram obras maravilhosas ao mundo, criamos esse quiz como para testar seus conhecimentos e trazer algumas curiosidades sobre a literatura feminina no Brasil.



Socorro Acioli



Conceição Evaristo



Lygia Fagundes Telles

1. Qual foi a primeira mulher a ser eleita para a Academia Brasileira de Letras (ABL)?

- a) Rachel de Queiroz
- b) Clarice Lispector
- c) Cecília Meireles
- d) Adélia Prado



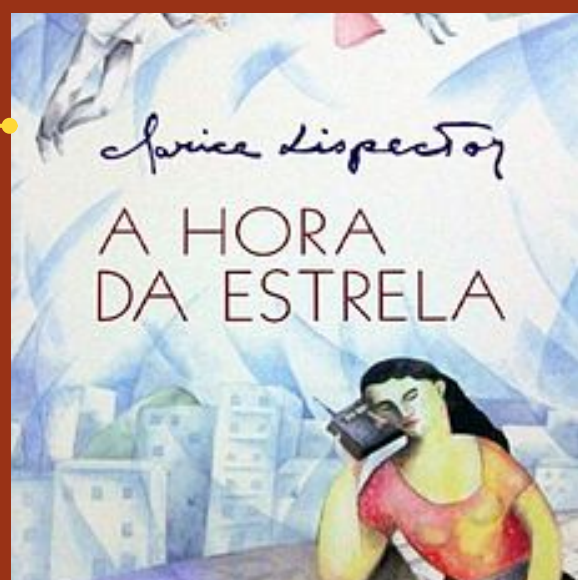
2. Qual obra da autora mineira Carolina Maria de Jesus ficou famosa por sua descrição realista da vida em uma favela?

- a) Quarto de Despejo
- b) Perto do Coração Selvagem
- c) O Quinze
- d) O Pagador de Promessas



3. Quem é a autora de "A Hora da Estrela", obra marcante para a literatura nacional?

- a) Lygia Fagundes Telles
- b) Hilda Hilst
- c) Ana Cristina Cesar
- d) Clarice Lispector



4. Qual autora é conhecida por suas crônicas, por retratar a vida urbana e as relações familiares em suas obras?

- a) Martha Medeiros
- b) Ana Maria Machado
- c) Maria Valéria Rezende
- d) Lya Luft

5. Qual escritora ganhou o Prêmio Jabuti de Literatura na categoria Romance em 2020?

- a) Conceição Evaristo
- b) Socorro Acioli
- c) Nélide Piñon
- d) Geovani Martins

- 1. a)
- 2. a)
- 3. d)
- 4. a)
- 5. a)

GABARITO

fotos por
Rachel de Queiroz / **Acervo IMS**
Clarice Lispector / **Rocco**
Adélia Prado / **Ministério da Cultura**
Socorro Acioli / **Publishnews**
Conceição Evaristo / **Correio 24h**
Lygia Fagundes Telles / **Flima**
ABL / **Wolfhardt**
Carolina Maria de Jesus / **Plural Jornal**

diversidade e representatividade na mídia

texto por

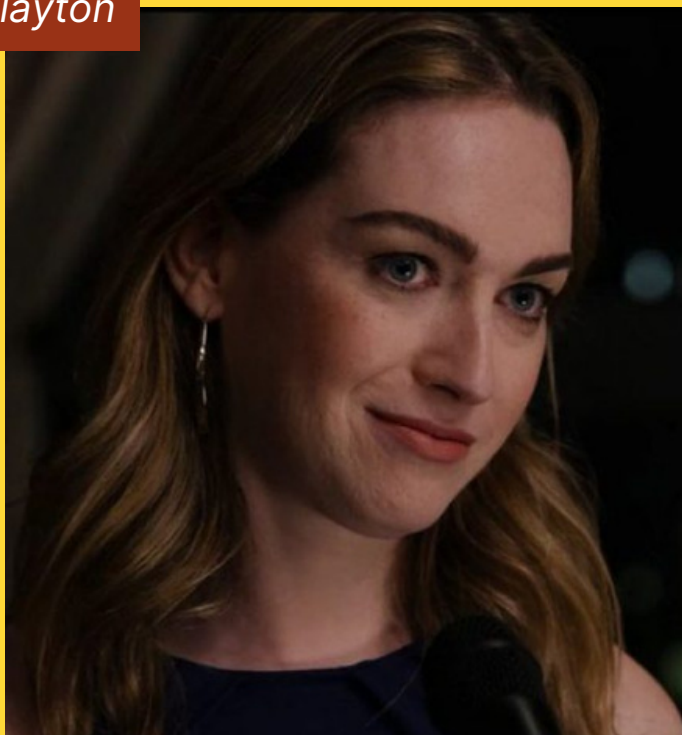
JOÃO IGOR WEIMANN REBELO

fotos por

NOMI (SENSE 8) / **DIVULGAÇÃO NETFLIX**
MARIA JÚLIA / **FABIO ROCHA - MARIE CLAIRE**
GLÓRIA MARIA / **ACERVO GLOBO**
SILVERO PEREIRA / **REPRODUÇÃO INSTAGRAM**

A representatividade é o ato de representar certas pessoas e grupos em veículos de comunicação de grande alcance, como o cinema, televisão, música entre outros, fazendo com que eles tenham uma pessoa que valide sua voz e sua luta, além de ter um modelo positivo para seguir. A representatividade na mídia é um tema importantíssimo e que geralmente é deixado de lado por diversos fatores, mas a discussão sobre o tema é essencial, criamos esse quiz como para testar seus conhecimentos sobre a representatividade na mídia brasileira.

Jamie Clayton



Maju Coutinho



Gloria Maria



Silvero Perreira



1

Qual personagem icônico da história LGBTQIAP+ foi retratado no filme *Rainha Diaba* (1974), e em 2002, pelo filme que leva seu nome dirigido por Karim Ainouz?

- a) Miss Biá
- b) Madame Satã
- c) Rogéria
- d) Kaká di Polly

2 **Em que novela ocorreu o primeiro beijo homossexual na teledramaturgia brasileira?**

- a) Mulheres Apaixonadas (2003)
- b) Amor à Vida (2013)
- c) A Calúnia (1963)
- d) américa (2005)

3 **Quem foi a primeira atriz negra a ser protagonista em uma novela brasileira?**

- a) Taís Araújo
- b) Zezé Motta
- c) Léa Garcia
- d) Ruth de Souza

4 **Qual série espanhola ganhou o mundo contando a história da personalidade de TV, apresentadora, e ativista pelos direitos das pessoas trans, Cristina Ortiz Rodríguez?**

- a) Veneno
- b) Vestidas de Azul
- c) Elite
- d) Merlí

5 **Em que ano Jorge Laffond conquista a televisão brasileira ao apresentar Vera Verão na Praça é Nossa?**

- a) 1981
- b) 1985
- c) 1990
- d) 1992

6 **A primeira rainha de bateria do Brasil foi travesti. Qual era o seu nome?**

- a) Jaqueline Blá-blá-blá
- b) Marcinha do Corintho
- c) Eloína dos Leopardos
- d) Striparella Ube

7 **Uma das protagonistas de “São Paulo em Hi-Fi”, qual drag queen era conhecida como “Divine Brasileira”?**

- a) Kaká di Polly
- b) Silvetty Montilla
- c) Salette Campari
- d) Thalia Bombinha

8 **Quem foi o primeiro diretor negro a ganhar o Oscar de “Melhor Filme”?**

- a) Jordan Peele
- b) Spike Lee
- c) Ava DuVernay
- d) Steve McQueen

9 **Em que ano, a atriz Claudia Celeste se tornou a primeira travesti com personagem fixo em uma novela brasileira?**

- a) 1977
- b) 1979
- c) 1985
- d) 1988

10 **Em que ano foi exibido o primeiro episódio de RuPaul’s Drag Race, reality show que impulsionou a visibilidade da arte drag?**

- a) 2007
- b) 2008
- c) 2009
- d) 2010

GABARITO

- 1. b) Madame Satã
- 2. c) A Calúnia
- 3. d) Ruth de Souza
- 4. a) Veneno
- 5. d) 1992
- 6. c) Eloína dos Leopardos
- 7. a) Kaká di Polly
- 8. d) Steve McQueen
- 9. d) 1988
- 10. c) 2009



diversidade indígena no território brasileiro



texto por
MIKAEL PAIXÃO DIAS DA COSTA

foto por
DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO

Segundo dados do censo do IBGE (2010), no Brasil são 817.963 mil indígenas, em 305 etnias e 274 línguas distintas. movimento indígena nacional/internacional, imigração indígena por violência à sua cultura e consequências. Nesse quizz tivemos como objetivo contar um pouco mais de algumas informações sobre.

1

Qual era o tamanho da população indígena antes do início do processo de colonização do território brasileiro?

- a) 5.000.000
- b) 3.000.000
- c) 1.000.000
- d) 500.000

2

Quantas eram as etnias presentes no território no início do século XVI?

- a) 3.000
- b) 1.000.000
- c) 500
- d) 200

3

Qual é o tamanho da população indígena atualmente?

- a) 5.000.000
- b) 2.000.000
- c) 1.000.000
- d) 300.000

4

Quantas línguas indígenas são faladas no território brasileiro?

- a) 542
- b) 274
- c) 50
- d) 12

5

Quem foi o primeiro indígena a ocupar um cargo político no Brasil?

- a) Sonia Guajajara
- b) Joênia Wapichana
- c) Ailton Krenak
- d) Maria Juruna

GABARITO

- 1. **b.**
- 2. **b.**
- 3. **c.**
- 4. **b.**
- 5. **d.**



Comunicação, Culturas e
Diversidades Étnico-Sociais
REVISTA DIGITAL, 2023



ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO